Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo

Linhas Orientadoras e Materiais de Aprendizagem

Catalisadores Comunitários

Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo

Linhas Orientadoras e Materiais de Aprendizagem

Catalisadores Comunitários

PROFILANTROP association

resilience earth

Palma Nana VACANZE e NATURA

ORLA REGENERAÇÃO ECO SOCIAL

PND PROJECTO NOVAS DESCOBERTAS associação educativa e recreativa

Red de Transición .org

gaiaeducation

Créditos

Versão em Inglês

Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo: Linhas Orientadoras e Materiais de Aprendizagem

Versão em Inglês (Julho 2020)

Parceiros do Projeto

Profilantrop, Hungria
Resilience.Earth, Espanha
Projecto Novas Descobertas c/Orla Design, Portugal
Palma Nana, Itália
Red de Transición, Espanha
Gaia Education, Reino Unido

Produção & Escrita

Produção: Profilantrop, Hungria
Capítulos 1-5, Introdução & Conclusão: Resilience.Earth, Espanha
Capítulo 6: Indicadores Globais & Cartões ODS: Gaia Education
Capítulo 7: Instruções do WeLand & Toolkit: Orla Design, Portugal
História: Palma Nana, Itália

Imagens e Layout

Imagens e Layout Toolkit: Orla Design, Portugal, Gaia Education, Reino Unido
Imagens HIstória: Palma Nana, Itália
Imagens Linhas Orientadoras: Resilience.Earth, Espanha
Cartões ODS: Gaia Education, Reino Unido

Co-financiador

Este projeto foi co-financiado pelo programa Erasmus+ da UE

Cofinanciado pelo Programa Erasmus+ da União Europeia

Aviso

O apoio da Comissão Europeia à produção desta publicação não constitui uma aprovação do seu conteúdo, reflete apenas a opinião dos autores e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer utilização que possa ser feita das informações nela contidas.

Licença Creative Commons

Você tem o direito de compartilhar (copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar, e criar a partir do material).

Índice

Introdução 1

A História: As Aventuras de Cataly, a Lagarta' 2

Enquadramento Teórico: Catalisar o Desenvolvimento Regenerativo . . 4

1 A Mudança de Paradigma

1.1 O Povo ergue-se

1.2 A Terra chama

2 O Mundo em Mudança. 12

2.1 Violência Estrutural é obsoleta

2.2 Nada é certo, para além da incerteza

2.3 Afinal as pessoas não são preguiçosas

3 O Processo Transformativo 20

3.1 Tudo muda, menos a própria mudança

3.2 Um céu, muitos horizontes

4 Os Padrões Evolutivos 25

4.1 Quanto maior a tempestade, mais brilhante o arco-íris

4.2 O lugar é a fonte da regeneração

5 Os Catalisadores Comunitários. 30

5.1 Visão periférica é mais inclusiva

6 Os Indicadores Globais 34

6.1 A peça que faltava para o diálogo intercultural

7 WeLand - Dar Sentido ao Lugar 36

7.1 Moldando Espaços em Lugares

As Instruções do Kit de Ferramentas 42

1 Cartas Guia: Como usar o Kit de Ferramentas

2 Conteúdo do Kit de Ferramentas: Todas as Cartas e Canvas

Conclusão 52

Referências 53

Lista de Diagramas 55

Glossário 56

Introdução

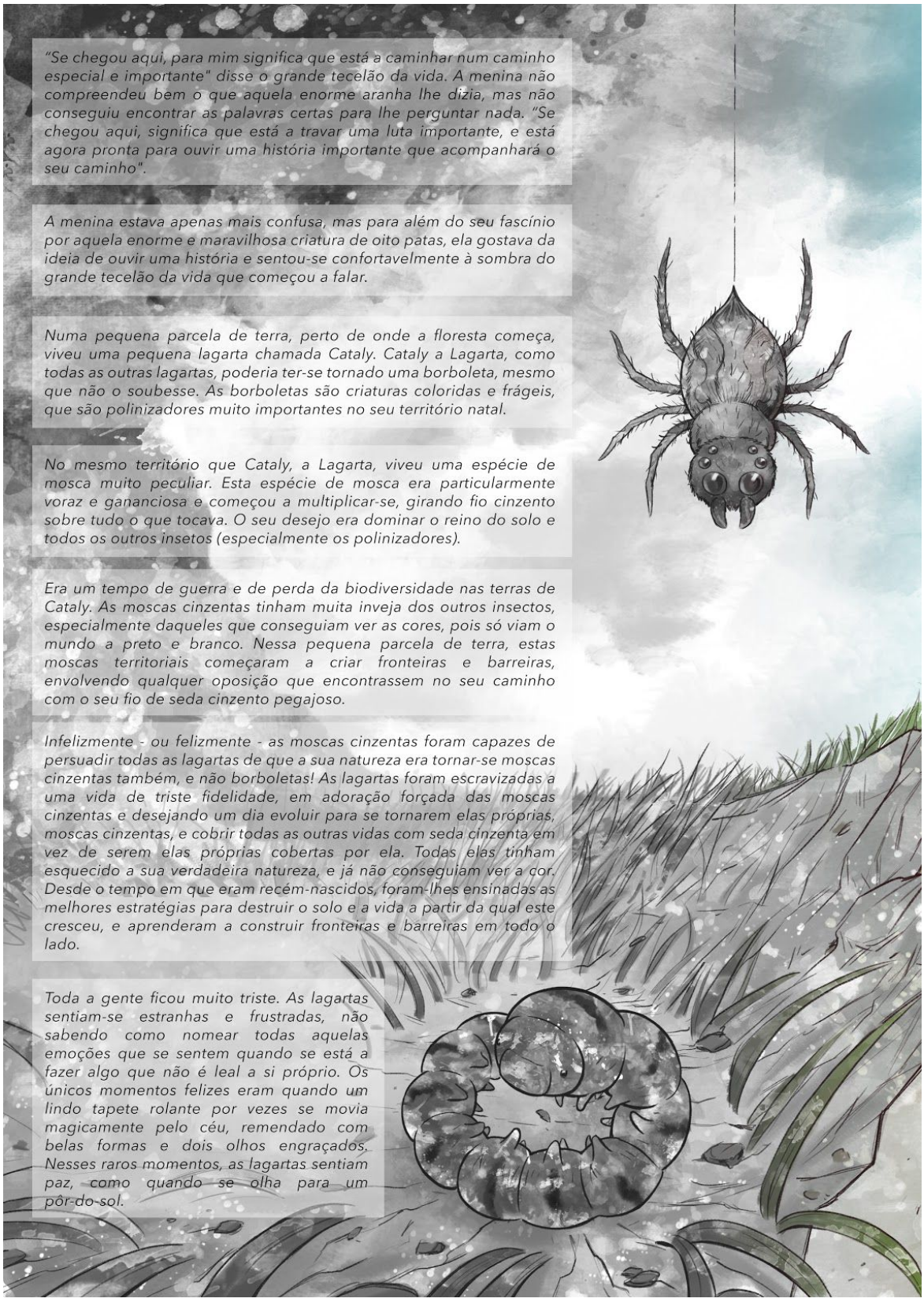
Estas directrizes consistem numa colecção de quadros teóricos e materiais de aprendizagem e são um produto intelectual do projeto Erasmus + Ação-chave 2 # 2018-2-HU01-KA205-048031 "Catalisadores Comunitários": Kit de ferramentas e Formação para Profissionais do Desenvolvimento Regenerativo".

Estas directrizes são informadas através de um processo de Investigação-Acção Participativa (IAP) que foi realizado em quatro biorregiões da Europa periférica, incluindo as biorregiões rurais da Costa Atlântica, do Mediterrâneo Alpino, do Mediterrâneo Insular e do plano Continental. Durante o processo IAP, os quatro Objectivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS 6, 13, 14, 15) relacionados com a Biosfera foram mapeados e avaliados em termos da sua situação no território, bem como em termos das estratégias locais utilizadas para alcançar estes objectivos. O relatório IAP complementa estas directrizes e está ligado ao Kit de Ferramentas de Catalisador Comunitário, um recurso que apoia as comunidades biorregionais a levar a cabo um desenvolvimento regenerativo eficaz em termos de planeamento e práticas.

As directrizes, tal como o resto das produções do projecto, foram co-desenvolvidas por uma equipa de investigadores activistas, facilitadores e educadores que trabalham localmente na Hungria (Associação Profilantrop), Catalunha (Resilience Earth), Portugal (Projecto Novas Descoberta e Orla Design) e Itália (Palma Nana), juntamente com duas redes internacionais (Gaia Education and Transition Network).

A comunidade de Catalisadores para o Desenvolvimento Regenerativo produziu resultados para o envolvimento do Coração, Cabeça e Mãos em simultâneo, mas com um enfoque mais importante num destes processos de aprendizagem. Como tal, estas Directrizes e o relatório IAP anterior são escritos para envolver o processo de aprendizagem da Cabeça ou o processo de aprendizagem intelectual, introduzindo diversos enquadramentos teóricos. O Kit de Ferramentas apresenta processos de aprendizagem práticos, ou mais práticos, introduzindo ferramentas para utilizar e adaptar comunidades a diferentes escalas. Para o Coração, está convidado a iniciar a sua viagem com uma história de mudança.

A História: 'As Aventuras de Cataly, a Lagarta'



"Se chegou aqui, para mim significa que está a caminhar num caminho especial e importante" disse o grande tecelão da vida. A menina não compreendeu bem o que aquela enorme aranha lhe dizia, mas não conseguiu encontrar as palavras certas para lhe perguntar nada. "Se chegou aqui, significa que está a travar uma luta importante, e está agora pronta para ouvir uma história importante que acompanhará o seu caminho".

A menina estava apenas mais confusa, mas para além do seu fascínio por aquela enorme e maravilhosa criatura de oito patas, ela gostava da ideia de ouvir uma história e sentou-se confortavelmente à sombra do grande tecelão da vida que começou a falar.

Numa pequena parcela de terra, perto de onde a floresta começa, viveu uma pequena lagarta chamada Cataly. Cataly a Lagarta, como todas as outras lagartas, poderia ter-se tornado uma borboleta, mesmo que não o soubesse. As borboletas são criaturas coloridas e frágeis, que são polinizadores muito importantes no seu território natal.

No mesmo território que Cataly, a Lagarta, viveu uma espécie de mosca muito peculiar. Esta espécie de mosca era particularmente voraz e gananciosa e começou a multiplicar-se, girando fio cinzento sobre tudo o que tocava. O seu desejo era dominar o reino do solo e todos os outros insetos (especialmente os polinizadores).

Era um tempo de guerra e de perda da biodiversidade nas terras de Cataly. As moscas cinzentas tinham muita inveja dos outros insectos, especialmente daqueles que conseguiam ver as cores, pois só viam o mundo a preto e branco. Nessa pequena parcela de terra, estas moscas territoriais começaram a criar fronteiras e barreiras, envolvendo qualquer oposição que encontrassem no seu caminho com o seu fio de seda cinzento pegajoso.

Infelizmente - ou felizmente - as moscas cinzentas foram capazes de persuadir todas as lagartas de que a sua natureza era tornar-se moscas cinzentas também, e não borboletas! As lagartas foram escravizadas a uma vida de triste fidelidade, em adoração forçada das moscas cinzentas e desejando um dia evoluir para se tornarem elas próprias, moscas cinzentas, e cobrir todas as outras vidas com seda cinzenta em vez de serem elas próprias cobertas por ela. Todas elas tinham esquecido a sua verdadeira natureza, e já não conseguiam ver a cor. Desde o tempo em que eram recém-nascidos, foram-lhes ensinadas as melhores estratégias para destruir o solo e a vida a partir da qual este cresceu, e aprenderam a construir fronteiras e barreiras em todo o lado.

Toda a gente ficou muito triste. As lagartas sentiam-se estranhas e frustradas, não sabendo como nomear todas aquelas emoções que se sentem quando se está a fazer algo que não é leal a si próprio. Os únicos momentos felizes eram quando um lindo tapete rolante por vezes se movia magicamente pelo céu, remendado com belas formas e dois olhos engraçados. Nesses raros momentos, as lagartas sentiam paz, como quando se olha para um pôr-do-sol.

Cataly a Lagarta era muito curiosa e inteligente, e não suportava o cheiro, a pegajosidade ou a tristeza da hegemonia das moscas cinzentas. Ela virava-se frequentemente para o céu e esperava que os lindos tapetes rolantes passassem. Um dia, decidiu construir uma escada para poder aproximar-se para ver melhor e talvez até tocar naqueles tapetes voadores.

Era um grande desafio, e ela tinha de recomeçar muitas vezes. Mas no final ela conseguiu e subiu a uma grande rocha, mesmo fora do território das moscas cinzentas. Chegou suficientemente alto para ver a face do que agora compreendia ser um animal, tal como ela. De lá de cima ela podia ver três horizontes e sentia que estava a sonhar. Podia ver-se na rocha, feliz e livre; podia ver o território onde os seus companheiros lagartas eram escravizados, e para além desta terra conquistada via todo um mundo onde muitos animais e plantas viviam em harmonia. Ela não podia acreditar como se sentia feliz.

"Nesta altura" disse o grande tecelão da vida, aprofundando o tom da sua voz, "a história podia ir em duas direcções diferentes". A menina arfou, mas antes de poder dizer qualquer coisa, a criatura começou a falar novamente.

Na versão mais comum, a história continua com Cataly a Lagarta a sentir-se assustada e desconfortável. Ela nunca tinha olhado para o mundo de uma perspectiva tão elevada, e sentiu as suas pernas a tremer de vertigens. Sentiu-se culpada por não estar lá em baixo a ajudar as outras lagartas nas suas tarefas diárias, e por isso decidiu que um momento tão especial era um segredo que teria de guardar para si própria. Ela não queria ser ridicularizada por causa da sua felicidade, e não queria que as moscas cinzentas destruíssem a escada que tinha construído, ou pior ainda, que construíssem uma barreira à rocha. Então ela voltou a descer, e fingiu que nada de especial tinha acontecido, e permaneceu como uma lagarta até ao fim dos seus dias.

Na outra versão da história, Cataly a Lagarta decidiu passar mais algum tempo sobre a rocha, ouvindo aquele sentimento de paz que tinha dentro da sua barriga. Enquanto olhava para as formas de uma borboleta deslumbrante, não podia acreditar nos seus olhos; tudo se tornou tão colorido e belo! De repente, ela compreendeu. Lembrou-se dos seus antepassados e compreendeu em quem tinha de se tornar. Estava maravilhada de alegria, mas de repente sentiu uma enorme pressa em contar às suas companheiras lagartas. Ela sabia que o seu momento de transformação estava a chegar, e assim compreendeu que antes de se tornar ela própria uma borboleta, tinha de fazer com que as outras lagartas vissem que, se pudessem sonhar novamente, poderiam também transformar-se em polinizadores e mostrar as suas verdadeiras cores!

Com a ajuda de alguma lama e cogumelos e uma forma inovadora de usar aqueles fios de seda cinzentos usados para escravizar as lagartas, conseguiram colocar as moscas cinzentas de volta no seu lugar como uma das muitas criaturas que partilham a terra.

Alguns minutos de silêncio passaram depois de a grande tecelã da vida ter terminado a sua história. A menina levantou-se, olhando para um ponto específico no espaço; depois voltou-se para aquela maravilhosa criatura de oito patas, procurando as palavras certas para fazer a pergunta que tinha no seu coração. Mas a aranha respondeu antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

Enquadramento Teórico: Catalisar o Desenvolvimento Regenerativo

1 A Mudança de Paradigma

1.1 O povo ergue-se

O projecto Catalisadores Comunitários foi criado por uma rede de ativistas locais e internacionais, com a intenção de contribuir para a transição global do velho paradigma para o novo, desenvolvendo a sua *syntagma*, a estrutura emergente de um novo paradigma. O nosso principal objetivo é catalisar a transição nos municípios rurais, uma vez que são eles as comunidades que lideram a mudança de paradigma.

Este entendimento do todo está incorporado no conhecimento tradicional das nações indígenas do mundo, mas apareceu pela primeira vez há mais de meio século nas culturas não indígenas. Os anciãos indígenas e filósofos ocidentais têm falado e escrito sobre este conhecimento, incluindo pessoas como Vandana Shiva, Rigoberta Menchu, Raimon Pannikar, Satish Kumar, e o Dalai Lama, entre muitos outros. Este novo paradigma emergente tem sido definido de muitas maneiras: da separação à unidade, da não dualidade, do diálogo intercultural, ou outras expressões que vão desde um mundo fragmentado a uma perspectiva sistémica.

Este paradigma tem sido incorporado por muitas civilizações ao longo da história, onde cada uma tem uma visão prismática específica do mundo. Através do processo de globalização, a necessidade de um diálogo intercultural mais amplo tornou-se visível porque todas as Cosmovisões comunitárias (Pannikar) do mundo mostraram uma paisagem fragmentada, que faz parte do sistema de abordagem em que todos nós estamos aninhados. , chamada Terra. Até à data, o processo de globalização tem colonizado e engolfado milhares de perspectivas regionais. Hoje, a nossa geração enfrenta o desafio do diálogo intercultural global para chegar a uma compreensão mais complexa do todo, alimentada pela variedade de diversas perspectivas regionais em torno da Terra.

Em todo o mundo, milhares de pessoas em comunidades rurais, municípios e territórios estão a recorrer às antigas sabedorias e conhecimentos contemporâneos.

A equipa do projecto Catalisadores Comunitários quer contribuir para a mudança para um novo Paradigma, uma nova visão do mundo (Cosmovisão) que se move numa direcção diferente do processo de globalização.

Esta compreensão do todo está incorporada no conhecimento tradicional das nações indígenas de todo o mundo, mas apareceu pela primeira vez apenas há mais de meio século em culturas não

indígenas. Os anciãos indígenas e filósofos ocidentais têm falado e escrito sobre este conhecimento.

O paradigma emergente tem sido descrito de muitas maneiras: da separatividade à unicidade, da não dualidade, do diálogo intercultural, ou de outras expressões que vão desde um mundo fragmentado a uma perspectiva sistémica.

O nascimento do novo paradigma global começou visivelmente com as revoluções dos anos 60, que são um exemplo de um processo em massa. No entanto, até aos anos 90 não houve impulso regenerativo suficiente para começar a desenvolver o *syntagma* que pudesse dar estrutura e resiliência a este paradigma. Alguns autores salientam que este ponto de viragem aconteceu em 1994 graças à revolta Zapatista (El Levantamiento Zapatista). Esta foi a primeira vez que uma nação indígena se levantou contra a imposição do processo de globalização, recuperando dignidade e liberdade para todas as nações indígenas da Terra. Este apelo desencadeou o início de um movimento de solidariedade global para criar uma alternativa ao estabelecimento. Estes foram os primeiros passos que conduziram ao desenvolvimento da *syntagma* emergente .

Seguiram-se muitos encontros globais, tais como a Batalha de Seattle em 1999, Revolta em Praga 2000, a Cimeira do G8 em Génova em 2001 ou as Cimeiras Sociais de Porto Alegre. Estas manifestações internacionais em conjunto foram classificadas como o movimento anti-globalização, no entanto, não eram contra a globalização, mas antes estavam a construir uma compreensão da globalização baseada em princípios tais como cooperação, solidariedade e sustentabilidade. Ao longo das últimas duas décadas, assistimos desde então a mobilizações globais como as manifestações contra a Guerra do Iraque, e em apoio ao movimento da Primavera Árabe, o movimento *Occupy*, o Movimento 15M, entre outros. Encontramo-nos actualmente no meio daquilo a que Manuel Castells (sociólogo de renome mundial da Universidade de Berkeley e actual Ministro das Universidades do governo espanhol) chama Explosões Sociais Globais Contra a Democracia Liberal.

No último ano, estas explosões sociais globais multiplicaram-se dramaticamente. Na Ásia, para além do conflito de colonização em curso em Caxemira, assistimos a protestos vociferantes em Hong Kong contra o domínio continental chinês, e no Cazaquistão, milhares de pessoas foram presas durante protestos de natureza semelhante. No Médio Oriente, o número de mortes dos manifestantes no Iraque aumentou para mais de 400, e grandes protestos surgiram por todo o Líbano devido ao aumento do preço dos bens básicos. Os protestos e a rebelião armada no Curdistão escalaram significativamente. E no Afeganistão, a instabilidade violenta continua a reinar.

Mais a oeste, vimos como os protestos em massa na Argélia provocaram a demissão do Presidente Abdelaziz Bouteflika, e de forma semelhante no Sudão, os manifestantes expulsaram o Presidente Omar al Bashir da presidência no ano passado. Movendo-se mais

para oeste para as Américas, assistimos ao violento golpe de estado de direita contra Evo Morales na Bolívia, desafiado por um movimento indígena organizado, enquanto no Chile mais de 20 manifestantes foram mortos em confrontos com a polícia. Assistimos também aos protestos no Brasil contra Jair Bolsonaro e às greves gerais maciças na Colômbia. Além disso, nos EUA e no Canadá há um aumento dos protestos liderados pelos indígenas sobre os direitos da água, direitos da terra, saúde e educação.

Finalmente, na Europa, as coisas estão a aquecer. A Catalunha continua a ser um epicentro de protestos nacionais desde que a população votou a favor da independência em 2017. As pessoas levantaram-se em França para exigir justiça económica para a classe trabalhadora pobre, e em Itália houve confrontos contra o líder de extrema-direita Matteo Salvini. E é claro que não devemos esquecer os protestos globais pela justiça climática, e especificamente o movimento da Rebelião da Extinção e as ações lideradas pelos cidadãos durante a Cimeira do Clima de Madrid. De uma perspectiva feminista, o movimento #metoo tornou-se viral em 2018 e 2019, e os movimentos de mulheres na Índia e nalguns países da América Latina têm vindo a reunir uma força social e política significativa.

Em todo o mundo, as pessoas estão a exigir alto nível de justiça social e ecológica.

Começando a ser falado nas revoluções dos anos 60, um ponto de não retorno na mudança de paradigma global para uma nova forma de se relacionar com a Terra foi marcado pela revolta zapatista nos anos 90. Esta foi a primeira vez que uma nação indígena se levantou contra a imposição do processo de globalização, recuperando dignidade e liberdade para todas as nações indígenas.

Desde então, um fio vermelho pode unir diferentes movimentos em todo o mundo: primeiro foi chamado de movimento anti-globalização - construindo uma compreensão da globalização baseada em princípios tais como cooperação, solidariedade e sustentabilidade. A corda passou então para os movimentos anti-guerra e para a Primavera Árabe, para acabar nas praças do Movimento Occupy.

Este fenómeno foi descrito por Manuel Castells (sociólogo de renome mundial da Universidade de Berkeley e actual Ministro das Universidades do governo espanhol) como uma Explosão Social Global Contra a Democracia Liberal.

No ano passado, estas explosões sociais globais multiplicaram-se dramaticamente e em muitos cantos do mundo foi acompanhada por uma crise global sistémica crescente.

O processo global disruptivo está a acelerar e é acompanhado por uma crise global sistémica crescente que está a afectar a nossa economia, provocando escassez de energia

e água, forçando milhões de pessoas a migrar, alterando o clima global, e degenerando a maior parte dos ecossistemas da Terra.

Vivemos no crepúsculo do império global tal como o conhecemos e, ao mesmo tempo, somos testemunhas e participantes da geração de novas propostas que crescem a partir do novo paradigma. Estamos submersos num processo Fênix, no qual a crise do velho paradigma está a alimentar a emergência de um novo paradigma.

> *A crise do velho paradigma está a alimentar a emergência de um novo paradigma.*
>
> *O ponto de partida é agora o Glocal, enraizado localmente e globalmente consciente. Construir uma rede de solidariedade global de comunidades enraizadas, resultando numa sociedade global complexa, resiliente e consciente, baseada na Terra.*
>
> *Para construir a syntagma, as estruturas locais do novo Paradigma, as instituições e organizações locais podem utilizar este Kit de Ferramentas & Linhas Orientadoras como um conjunto de metodologias, enquadramentos e práticas.*
>
> *Destina-se a alimentar uma rede baseada na cooperação autónoma (Negri) ou inter-independência (Pannikar), uma rede de comunidades rurais e municípios enraizados na sua identidade local e gerando um impacto positivo sobre os campos sociais e da biosfera, ao mesmo tempo que se estabelece uma rede com outras comunidades no mundo.*

Entendemos este processo como a reconciliação das perspectivas binárias do global e do local em direção ao Glocal. Do processo de reconciliação resulta uma rede de solidariedade global de comunidades enraizadas que se empenham lentamente num diálogo intercultural contínuo, resultando numa sociedade global complexa, resiliente e consciente baseada na Terra.

Este kit de ferramentas apresenta um conjunto de metodologias, enquadramentos e práticas que podem ajudar as instituições e organizações locais a criar as suas próprias expressões singulares da *syntagma*, enraizadas na sua identidade local e gerando um impacto positivo nos campos sociais e da biosfera, enquanto se estabelece uma rede com outras comunidades no mundo. Este tipo de rede tem sido expressa como cooperação autónoma (Toni Negri & Michael Hardt) ou inter-independência (Pannikar).

Os municípios e comunidades rurais têm um papel central neste processo de transição paradigmática. O fenómeno da globalização tem vindo a centralizar estruturas hierárquicas em todo o mundo, o que tem gerado consequências disruptivas em quase todos os ecossistemas da Terra. No entanto, foi demonstrado que as comunidades mais pequenas são capazes de manobrar mais rapidamente respostas às mudanças, e são por isso mais

adaptáveis. Além disso, as comunidades locais são capazes de experimentar e testar modelos de desenvolvimento alternativos com um risco menor. Esta é a mudança entre a massa e a multidão, onde a massa foi liderada por líderes, a multidão é um movimento descentralizado liderado por uma liderança em mudança plural (Toni Negri & Michael Hardt). Finalmente, quando as decisões são tomadas a nível local em oposição a níveis mais elevados, aumentamos a nossa emancipação, diversidade e liderança como comunidades rurais num mundo global.

1.2 A Terra Chama

Alguns autores como Yuval Noah Harari salientaram que o início do grande ciclo histórico que trouxe a sociedade global ao lugar onde se encontra agora, começou há cerca de 10.000 anos com a revolução agrícola. A partir dessa altura, começámos a relacionar-nos de forma diferente com a Terra e começámos também um processo de colonização, baseado no controlo e sedentarização. A primeira Revolução Industrial da Produção Mecânica no século XVII catalisou um maior crescimento exponencial da população humana, seguida da segunda Revolução Industrial da Produção em Massa no início do século XX e, por último, a terceira Revolução Industrial da Era Digital, que também provocou um aumento significativo da população mundial. Estas revoluções marcaram o caminho de um modelo de desenvolvimento baseado na exploração e no desperdício, causando um impacto geológico tão grave que estamos agora a entrar no início de uma nova era geológica conhecida como o Antropoceno.

Na era ocidental moderna, sem contar com anteriores declarações indígenas, a primeira pessoa a levantar a voz sobre o facto da humanidade estar à beira de uma crise ecológica foi Rachel Carson. O seu livro "A Primavera Silenciosa", escrito em 1962, foi fruto de um estudo profundo sobre a Revolução Verde e as consequências do uso de pesticidas sobre a diversidade biológica.

Estamos num ponto em que houve necessidade de nomear a era geológica em que vivemos, para sublinhar o impacto do ser humano: o Antropoceno é conhecido como a era em que todas as grandes transformações morfológicas e geológicas do planeta são devidas ao impacto da humanidade.

O processo de controlo da terra pode ser traçado desde a revolução agrícola; as Revoluções Industriais fizeram então o caminho para um modelo de desenvolvimento baseado na exploração e no desperdício.

Desde os anos 60, pessoas em todo o mundo começaram a falar de uma crise ecológica, começando a compreender a nossa capacidade de afetar a terra como um todo.

Por volta da mesma altura, James Lovelock detectou a presença generalizada de CFC na atmosfera, que estava a ameaçar a estabilidade da camada de ozono. Esta foi a primeira vez que nós, como espécie, começámos a compreender a nossa capacidade de afectar a Terra como um todo, e especificamente a sua atmosfera. Mas ao contrário da situação atual, a crise dos CFC tinha fontes muito claras e, portanto, era suficientemente fácil de abordar. Pouco tempo depois, Lovelock apresentou a Hipótese Gaia em conjunto com a famosa microbiologista Lynn Margulis. Após vários anos, este esforço deu origem à Teoria de Gaia, que pôde ser identificada como o início da nova ciência, uma abordagem mais holística e integral enquadrada numa visão sistémica do mundo.

A Hipótese Gaia, apresentada por James Lovelock e Lynn Margulis no final dos anos 70, poderia ser identificada como o início de uma nova ciência, uma nova forma de ver as coisas. A Hipótese Gaia representa um marco importante para a mudança de paradigma, oferecendo uma abordagem mais holística e integral enquadrada numa visão sistémica do mundo.

Ao mesmo tempo, o mundo estava ainda a desenvolver-se a partir do velho paradigma, chegando ao ponto em que, em 1992, foi necessária uma Cimeira Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável. Os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio emergiram da Cimeira, e foram alcançados com bastante sucesso, especialmente em referência aos indicadores de pobreza, esperança de vida e escolaridade.
Infelizmente, isto teve um efeito prejudicial na estabilidade ecológica expressa pelo conceito de Limites Planetários.
Finalmente, o Acordo de Paris de 2016 obriga legalmente as nações a manterem o aquecimento global abaixo dos 2 graus Celsius, com o objetivo de 1,5 graus Celsius.

Desde então, autores como Fritjof Capra, Humberto Maturana, Francisco Varela, Ken Wilber e muitos outros desenvolveram modelos sistémicos de forma a gerar complexidade suficiente para enfrentar os novos desafios que se avizinham. Ao mesmo tempo, o mundo estava ainda a desenvolver-se a partir do velho paradigma, chegando ao ponto em que, em 1992, foi necessária uma Cimeira Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável. A Cimeira do Rio de Janeiro foi o primeiro encontro internacional a discutir os desafios ecológicos globais. Várias propostas globais emergiram desta cimeira, incluindo a Agenda 21 e os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio. Graças a estes objectivos, a pobreza, a esperança de vida e a escolaridade são três indicadores, entre outros, que têm sido alcançados com bastante sucesso a um determinado nível. O problema é que este grande sucesso foi alcançado em desvantagem da estabilidade ecológica expressa pelo conceito de Limites Planetários (PB's). Por este motivo, durante a Cimeira de Desenvolvimento Sustentável da ONU em Nova Iorque em 2015, foram apresentados os Objectivos de

Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os ODS foram desenvolvidos por muitos participantes em todo o mundo e servem como uma ferramenta internacional para ajudar a enfrentar a crise sistémica a nível global. O acordo dos ODS é um dos dois mais importantes acordos internacionais destinados a travar o potencial colapso iminente da humanidade, como é avisado por 23.000 cientistas de 180 países diferentes que assinaram um artigo chamado "Aviso à Humanidade". O segundo foi o Acordo de Paris em 2016, que obriga legalmente as nações a manter o aquecimento global abaixo dos 2 graus Celsius, com o objetivo de 1,5 graus Celsius.

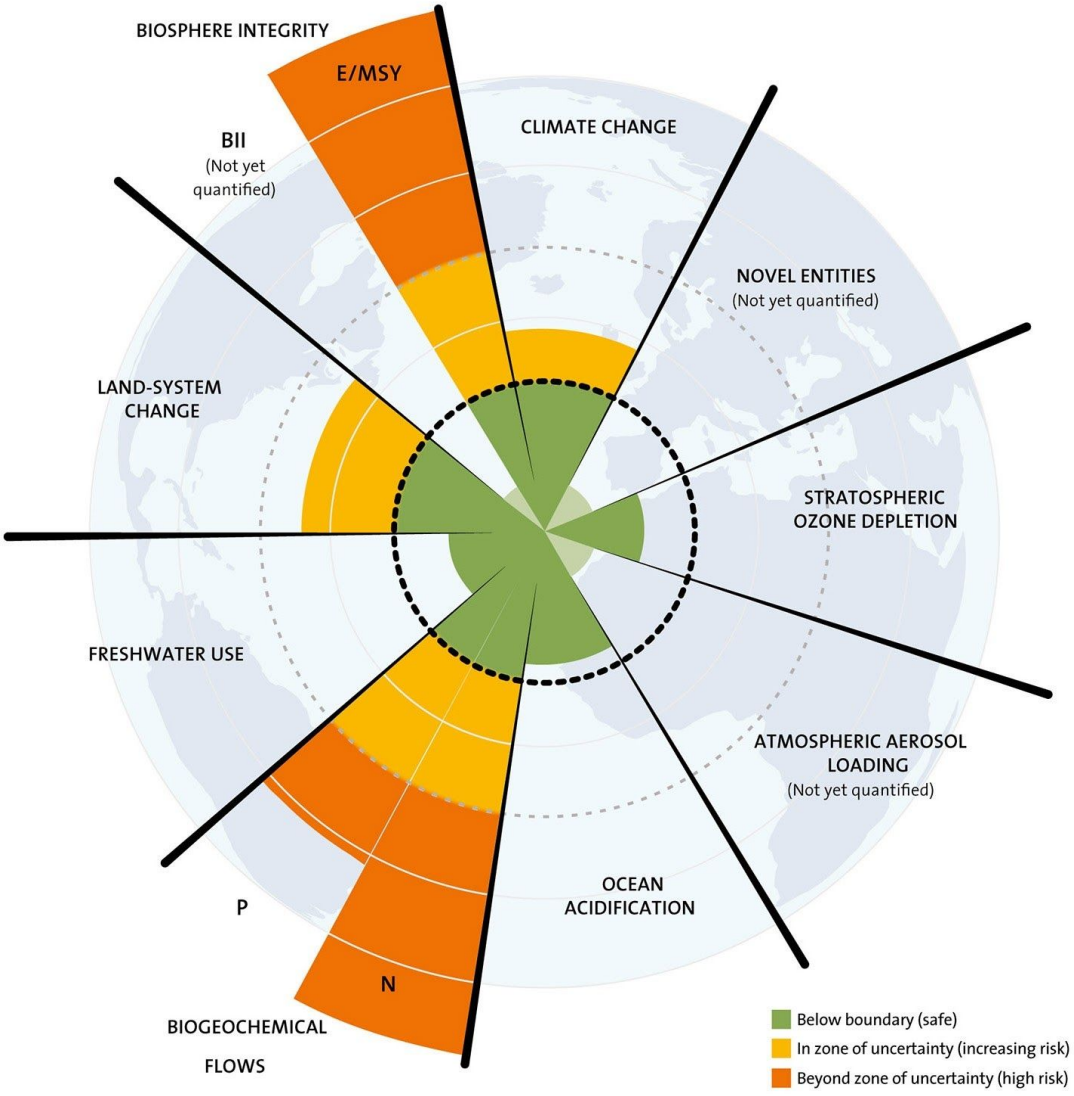


Imagem 1: Integridade da Biosfera nos Limites Planetários (Rockström, 2017)

Johan Rockström, antigo director do Centro de Resiliência de Estocolmo, publicou as nove principais Fronteiras Planetárias: alterações climáticas, entidades inovadoras, empobrecimento da camada de ozono estratosférica, carregamento de aerossóis atmosféricos, acidificação oceânica, fluxos biogeoquímicos, utilização de água doce,

alteração do sistema terrestre e integridade da biosfera. Três destes limites já estão desequilibrados e num estado crítico, e se continuarmos a pressionar para superar a escassez de desenvolvimento no quadro do antigo paradigma, empurraremos os limites planetários para uma posição de não-retorno. É importante compreender que o novo paradigma deve conciliar equidade e bem-estar com regeneração ecológica.

> *Do Centro de Resiliência de Estocolmo vem um apelo importante: se continuarmos a pressionar para superar a escassez de desenvolvimento no quadro do antigo paradigma, empurraremos as fronteiras planetárias para uma posição de não-retorno. O novo paradigma tem de conciliar equidade e bem-estar com regeneração.*
>
> *Através de um modelo analítico digital que combina os ODS com os Limites Planetários, o Centro de Resiliência de Estocolmo conclui que não é possível realizar os ODS e os PB ao mesmo tempo.*
>
> *Precisamos assim de acções radicalmente disruptivas para alcançar os objectivos, e para implementar um novo modelo de desenvolvimento que seja regenerativo e equitativo.*

O Centro de Resiliência de Estocolmo criou também um modelo analítico digital capaz de combinar a relação entre os SDGs e os Limites Planetários (PBs), o que é um incrível passo em frente para ser capaz de enfrentar o impacto humano global na Terra. Os resultados do modelo concluem que, nas projeções convencionais, não é possível realizar os SDGs e PBs ao mesmo tempo. Rockström propõe que neste momento precisamos de uma acção radical disruptiva e, por conseguinte, propõe cinco pontos-chave de intervenção:

- rápido crescimento das energias renováveis;
- aceleração das cadeias alimentares sustentáveis;
- novos modelos de desenvolvimento nos países mais pobres;
- redução activa das desigualdades;
- investimento na educação para todos, igualdade de género, saúde e planeamento familiar;

Com esta abordagem, a janela do sucesso ainda está aberta e poderíamos alcançar os ODS até 2030 e os PB até 2050, e viver num planeta melhor e totalmente regenerado para as gerações futuras. Muitos autores como Lovelock e Rockström falam sobre a oportunidade oculta por detrás da crise global, pois pode trazer-nos para um novo paradigma do papel dos humanos na Terra e, portanto, para um novo modelo de desenvolvimento que seja regenerativo e equitativo.

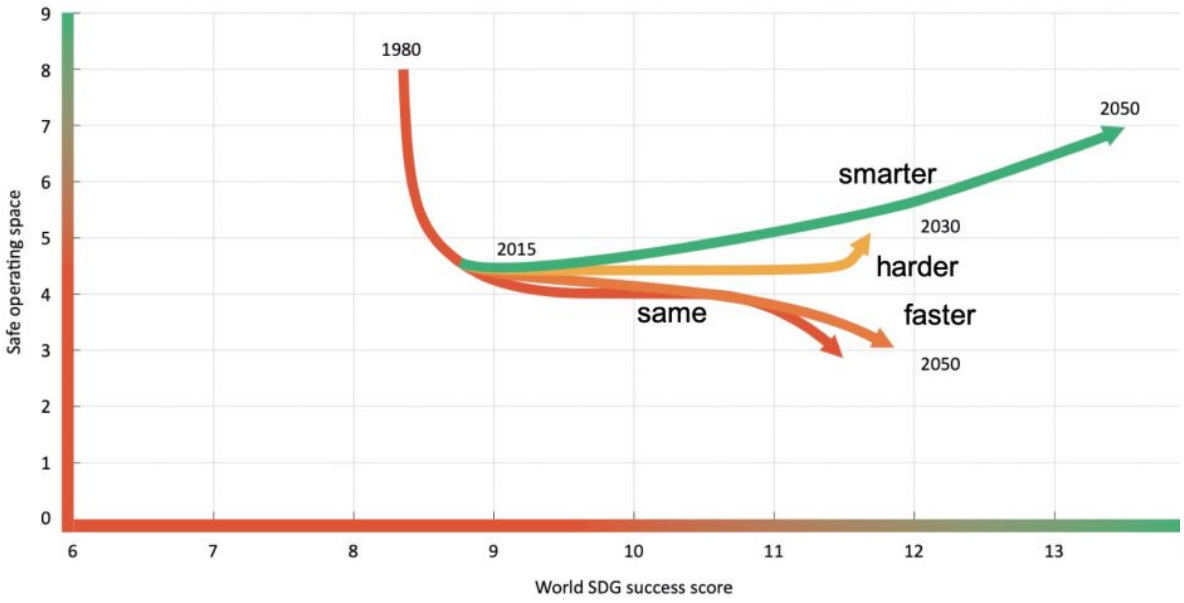


Imagem 2: Relação entre Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Limites Planetários (Rockström, 2017)

2 O Mundo em Mudança

2.1 Violência estrutural é obsoleta

De uma perspectiva sistémica, experimentamos um mundo VICA. Este contexto tem a sua origem na globalização e na violência estrutural. Isto criou um império global que transformou profundamente as nossas culturas e a nossa compreensão do mundo e de nós próprios.

Enquanto governos e alianças internacionais respondem a revoltas com guerra permanente, o Império Global tem a estratégia de Pax Imperia, a imposição de leis globalizadas, educação, meios de comunicação social, trabalho e segurança nacional às massas. Um processo de colonização que foi tão integrado nas nossas culturas que, mesmo quando criticamos o império, fazemo-lo de uma perspectiva imperialista.

Isto torna impossível regressar a um mundo pré-imperialista. A única direção possível é em frente (Yuval Noah Harari, 2011), tendo presente que a forma mais eficiente de lidar com sistemas injustos é torná-los obsoletos (Frederic Laloux, 2016).

Este Kit de Ferramentas visa ajudar o processo de co-criação de

um sistema regenerativo e equitativo que deixa a violência estrutural obsoleta. É um processo de reconciliação que envolve a aprendizagem e a criação de algumas formas para lidar com a mudança e o conflito, para que a sociedade possa tornar-se mais adaptável e resiliente (Jean Paul Lederach).

Os fundamentos teóricos deste projeto baseiam-se em teorias de sistemas e, portanto, consideram o contexto global como VICA (ver Imagens 1 e 2). O contexto VICA consiste em duas forças principais que sustentam o paradigma dominante do nosso mundo. Estas duas forças são a globalização e a violência estrutural.

1. Globalização, que modifica culturas, políticas e o desenvolvimento global dos países, reconfigurando o mundo numa nação global.
2. A violência estrutural, que prolifera a colonização e homogeneização de diversas culturas. Caracteriza-se por processos de centralização e extracção.

A globalização criou um império global que transformou profundamente as nossas culturas e a nossa compreensão do mundo e de nós próprios, ao mesmo tempo que destruiu partes importantes da nossa história e expressões chave da diversidade cultural e natural.

Um exemplo deste fenómeno é como os governos no poder versus o Império Global respondem às insurreições e movimentos. A resposta das alianças internacionais é com uma guerra permanente contra insurreições regionais, tais como no Iraque e na Bolívia. Estas alianças internacionais tentam eliminar tais insurreições através de diferentes táticas de violência cultural, estrutural e directa, desde a criação de valores e difamação política até às operações militares.

As regras do jogo mudam quando passamos da esfera nacional para a esfera internacional. O Império Global também percebe os movimentos globais, tais como a Primavera Árabe e a Justiça Climática, como uma insurreição sobre a sua essência; com efeito, tudo o que é intrínseco à globalização. Contudo, a resposta do Império Global não é com a guerra, mas sim com a Pax Romana, que é a imposição de leis globalizadas, educação, meios de comunicação social, trabalho e segurança nacional às massas. O conceito de Pax Romana foi atualizado por Antonio Negri & Micheal Hardt como Pax Imperi (Negri, 2005). Refere-se a um processo de colonização que tem sido tão integrado nas nossas culturas que, mesmo quando criticamos o império, fazemo-lo de uma perspectiva imperialista. Não há como voltar a um mundo pré-imperialista. A única direção possível é em frente (Yuval Noah Harari, 2011), tendo presente que a forma mais eficiente de lidar

com sistemas injustos é torná-los obsoletos (Frederic Laloux, 2016). Esta é precisamente a intenção deste conjunto de ferramentas, de co-criar um sistema regenerativo e equitativo que deixe a violência estrutural obsoleta.

A violência cultural é criada durante a globalização do imaginário humano, de modo a torná-lo adequado ao propósito do império global. Esta violência materializou-se em estruturas tais como instituições, economia, leis e mesmo arquitectura, agricultura e outros empreendimentos humanos. Esta violência, que está na base da cultura e da sociedade, é conhecida como violência estrutural (Johan Galtung). A fim de resolver esta situação, é necessário um processo de reconciliação baseado na não-violência. Tal processo de reconciliação requer um diálogo entre posições supostamente opostas, através do qual novas propostas inclusivas emergem e são postas em prática. A reconciliação implica aprender e encontrar formas de lidar com a mudança e o conflito, para que a sociedade possa tornar-se mais adaptável e resiliente (Jean Paul Lederach).

2.2 Nada é certo para além da incerteza

A globalização e a violência estrutural geram uma perturbação sistémica da comunidade global, que desestabiliza os ecossistemas locais, naturais e sociais através da perda de diversidade e adaptação a processos globais mais rápidos e cada vez mais poderosos. As consequências desta situação provocam o contexto VICA, expressas da seguinte forma:

Imagem 3: Eixo e grelha do Contexto VICA (Resilience.Earth, 2018)

O ritmo de mudança está a aumentar e o contexto VICA não é uma fase temporária. Veio para ficar. A cultura global é mais complexa do que nunca e os conceitos do passado já

não são significativos. Precisamos de novos conceitos e palavras que sejam capazes de definir complexidade. Ao mesmo tempo, a crise democrática deve-se a uma resistência à mudança, que provém da violência cultural e estrutural que defende os interesses das pessoas com papéis poderosos.

A globalização e a violência estrutural têm um efeito duplo:

- *provocando o contexto VICA*
- *provocando uma crise sistémica global*

Isto torna necessária a existência de uma rede inter-independente de comunidades em todo o mundo (Panikkar, 2003), para unir as comunidades enquanto alimentam as suas distintas relações locais com a terra. Isto implica uma mudança nas forças paradigmáticas, em que a liderança ocorre a partir da emergência local e não a partir de políticas internacionais. Portanto, o motor da rede global deve vir do reconhecimento de desafios comuns, o que implica a necessidade de coordenação bioregional, e não dos interesses de uma cultura patriarcal que gera desconfiança e medo.

É importante compreender a democracia como um processo e não como um Estado, a estrutura de tomada de decisões mudou ao longo da história e está a mudar novamente, avançando para um sistema mais complexo, mais aberto e mais descentralizado. Obviamente, a era da informação (Manuel Castells) alterou as regras do jogo. Hoje em dia, ninguém pode deter o monopólio da verdade e isto abre um novo conjunto de regras, com uma sobrecarga de informação que está a reconfigurar relações de poder e privilégio e a abrir espaços para a autogestão a todos os níveis da sociedade. O império explica que a democracia representativa é um sistema de governação concebido para o povo, mas como Mikhail Bakunin observou e expressou há quase dois séculos: quando o povo está a ser espancado com um pau, não fica muito mais feliz por lhe chamarem "o Pau do Povo".

Imagem 4: Tabela de proposta do Contexto VICA (Resilience.Earth, 2018)

As forças da globalização e da violência estrutural estão a gerar consequências em grande escala, nomeadamente a de uma crise sistémica global. Esta crise pode ser definida pelas diferentes faces de um mesmo prisma: crise energética, crise ecológica, emergência climática, crise humanitária, crise migratória, crise alimentar e crise económica. A principal fonte de distúrbio nesta crise prismática é expressa como um processo colonizador de globalização das relações, oposto aos processos de reconciliação do diálogo intercultural (Raimon Pannikar), e à revolta emancipatória (David Henry Thoreau).

Isto torna necessária a existência de uma rede inter-independente de comunidades em todo o mundo (Panikkar, 2003), para unir as comunidades enquanto alimentam as suas distintas relações locais com a terra. Isto implica uma mudança nas forças paradigmáticas, em que a liderança ocorre a partir da emergência local e não a partir de políticas internacionais. Portanto, o motor da rede global deve vir do reconhecimento de desafios comuns, o que implica a necessidade de coordenação bioregional, e não deve vir dos interesses de uma cultura patriarcal que gera desconfiança e medo.

2.3 Afinal, as pessoas não são preguiçosas

Podemos decidir a forma como interpretamos as acções e intenções de outras pessoas:
-Teoria X é a visão mais comum "as pessoas são preguiçosas e não se importam". Representa os sistemas hierárquicos tradicionais baseados no controlo;
-Teoria Y representa um sistema organizacional baseado na confiança;
-Teoria Z contempla a auto-realização e fomenta a nossa capacidade adaptativa e a resiliência das comunidades.

A analogia clássica da Teoria X e Teoria Y por Douglas McGregor do MIT (Gannon & Boguszak, 2013), é uma expressão inicial da evolução da sintagma e pode ajudar-nos a compreender este fenómeno paradigmático emergente a nível municipal. Estas teorias baseiam-se nos pressupostos que um sistema tem sobre os seus membros. A teoria X representa os sistemas hierárquicos tradicionais baseados no controlo, e a teoria Y, pelo contrário, representa os sistemas organizacionais modernos baseados na confiança. A versão comunitária da Teoria X é a que domina a política local e internacional, e é a que gera a situação de crise sistémica. Pelo contrário, a aplicação da Teoria Y permitir-nos-ia gerar e acelerar mudanças mais diversas. Indo além da Teoria Y, podemos considerar a Teoria Z de Abraham Maslow, que considera a auto-realização. Com a Teoria Z, estaríamos a aumentar a capacidade adaptativa e a resiliência das comunidades. Isto, por sua vez, poderia catalisar mudanças globais na nossa capacidade planetária para mitigar a crise e a nossa capacidade futura de co-criar uma sociedade intercultural à escala planetária.

Imagem 5: Teoria X, Y e Z (Resilience.Earth, 2018)

Teoria X e Y de Douglas McGregor		Teoria Z de Abraham Maslow
Teoria X	Teoria Y	Teoria Z
As pessoas são preguiçosas	As pessoas trabalham arduamente e querem estar ocupadas	As pessoas trabalham com tenacidade para um propósito comunitário emergente
As pessoas evitam responsabilidades	As pessoas procuram responsabilidades e desafios	As pessoas procuram desenvolvimento pessoal e responsabilidades e desafios coletivos
As pessoas precisam de ser controladas	As pessoas são auto-motivadas e sabem como se auto-gerir	As pessoas são auto-motivadas e sabem como se auto gerir individual e coletivamente
As pessoas são ingénuas e sem iniciativa	As pessoas são criativas e competentes	As pessoas são criativas e competentes enquanto trabalham rumo a um bem comum
As pessoas não assumem compromisso	As pessoas precisam de se comprometer com o sistema que as abarca	O sistema relevante que as abarca precisa de se comprometer com as pessoas e vice-versa
Relações hierárquicas baseadas em produção	Relações horizontais baseadas na eficiência	Relações descentralizadas baseadas em comunidade e auto-realização

Table 1: Teoria X, Teoria Y & Teoria Z do processo de desenvolvimento humano e a emergente mudança de paradigma, adaptado por Resilience Earths

A teoria Z foi escrita em 1969, e atualmente existem muitas perspectivas teóricas diferentes que incluem esta teoria. Uma que é muito relevante para este projecto é a perspectiva da resiliência. Quando abordamos a globalização a partir de uma perspectiva de resiliência, levamos a mudança em consideração e somos, portanto, mais capazes de cultivar a adaptação através de um processo de mudança criativa, deixando para trás uma mudança dramática. Este caminho dá-nos uma perspectiva esperançosa sobre o contexto VICA, ajudando-nos a compreender o processo de globalização como inevitável e a reconhecer as enormes oportunidades que ele traz, tais como padrões regenerativos de desenvolvimento e paz em todo o mundo. Da perspectiva da resiliência, o contexto VICA torna-se uma categorização de pontos de influência que são aplicáveis aos municípios rurais. (Ver Imagem 6)

Olhando através do contexto VICA, o processo de globalização aparece como inevitável. Quando abordamos a globalização de uma perspectiva de resiliência, levamos a mudança em consideração. Isto transforma o contexto VICA numa categorização de pontos de influência que são aplicáveis aos municípios rurais.

Imagem 6: Oportunidades VICA (Resilience.Earth, 2018)

Como anteriormente mencionado, os municípios rurais têm a capacidade de liderar a transição paradigmática, gerando e testando um número prolífico de protótipos. Estes protótipos experimentais estão fervilhantes; isso significa que são abundantes, auto-geridos e inter-relacionados, e podem abordar questões de governação, gestão da energia e da água, economia local, soberania alimentar, habitação, e muitas outras. Uma região rural bem ligada pode aprender a um ritmo rápido, através de tentativas e erros, com orçamentos baixos e com um envolvimento significativo da comunidade (Gilchrist, 2000). Ao avançar para uma comunidade bem ligada, a sociedade torna-se mais acéfala e, em vez de uma cabeça omnipotente, é composta por uma "pluralidade de nós irredutíveis que comunicam entre si" (Toni Negri & Micheal Hardt, 2015). Nesta nova organização social, estamos a mudar as relações de poder de uma estrutura semelhante a uma árvore para uma estrutura semelhante a um micélio. Isto significa que os núcleos organizados centralizadamente como as cidades, precisam de libertar energia para uma rede de centros mais pequenos em torno do território.

Há muitas formas de um município rural poder liderar a transição paradigmática: os protótipos experimentais são abundantes, auto-geridos e inter-relacionados e podem abordar muitos campos (governação, gestão da energia e da água, economia local, soberania alimentar, habitação...).

Ao avançar para uma comunidade bem ligada, a sociedade torna-se mais acéfala e, em vez de uma cabeça omnipotente, é composta por "uma pluralidade de nós irredutíveis que se comunicam entre si" (Toni Negri & Michael Hardt, 2015). Nesta nova organização social, estamos a mudar as relações de poder de

uma estrutura semelhante a uma árvore para uma estrutura semelhante a um micélio. Isto significa que os centros centralizados organizados como cidades precisam de libertar energia para uma rede de centros mais pequenos em torno do território.
Uma rede fortalecida de comunidades rurais pode inverter a direcção das actuais estratégias de desenvolvimento, ao localizar e "cooperativizar" a economia, aumentar as redes de solidariedade, descentralizar o poder político e económico em todo o território e, por conseguinte, gerar um fluxo equilibrado de economia, recursos e pessoas através da biorregião.

As comunidades rurais representam cerca de 45% da população mundial e gerem quase 90% da terra, o que as torna os principais guardiões dos recursos da Terra. Tal como quando os homens não conseguiram liderar os movimentos de libertação das mulheres, as cidades são incapazes de liderar a mudança na forma como entendemos e praticamos o desenvolvimento regenerativo.

Por vezes, os pontos de influência são contra-intuitivos, e o mesmo acontece com as comunidades rurais. Uma rede de comunidades rurais fortalecidas pode inverter a direcção das actuais estratégias de desenvolvimento, através da localização e "cooperativização" da economia, aumentando as redes de solidariedade, descentralizando o poder político e económico em todo o território e, por conseguinte, gerando um fluxo equilibrado de economia, recursos e pessoas através da biorregião.

3 O Processo Transformativo

3.1 Tudo muda, menos a própria mudança

Durante muito tempo, os activistas foram tratados como sonhadores irrealistas porque as suas causas e reivindicações eram vistas como objectivos impossíveis pelo público em geral. Raul Fornet-Betancourt, um filósofo cubano internacionalmente conhecido no campo da cultura, fala desta percepção pública como um exemplo de colonização cultural. Quando as pessoas que são oprimidas pelo sistema acreditam que a opressão é impossível de mudar, indica que o sistema opressivo conquistou o seu primeiro triunfo.

É vital que as pessoas vejam a possibilidade de mudança: quando as pessoas que são oprimidas pelo sistema acreditam que a opressão é impossível de mudar, isso indica que o sistema opressivo conquistou o seu primeiro triunfo.

Podemos identificar três grandes tendências de mudança: a mudança simples pode ser emergente (adaptação constante da sociedade) ou projectável (planeada, com objectivos e prazos como os ODS). Outro tipo de mudança geral é conhecido como mudança profunda, que é um processo transformador que provoca uma mudança de paradigma (geralmente em resposta a uma "crise quente" ou a um "bloqueio a frio").

Os três tipos de mudança estão inter-relacionados, dependendo do contexto e da situação.

Compreendemos agora que a única situação irrealista é a de manter o status quo. Manter os privilégios de poucos através da desvantagem da grande maioria da população provoca uma situação não viável. Para ilustrar isso, podemos recordar um dos populares cartazes de protesto do Movimento 15M, que diz "se não nos deixarem sonhar, tornar-nos-emos no vosso pesadelo".

Um sonho de um futuro melhor é uma parte da própria vida. A natureza evolui para gerar mais complexidade e mais diversidade, ou seja, mais vida. Como o famoso discurso de Martin Luther King "Eu tenho um sonho" em 1963, no qual ele imaginava um futuro onde negros e brancos pudessem coexistir em harmonia e equidade. O sonho de King ainda é uma obra em progresso, mas é um exemplo de mudança emergindo através da violência estrutural.

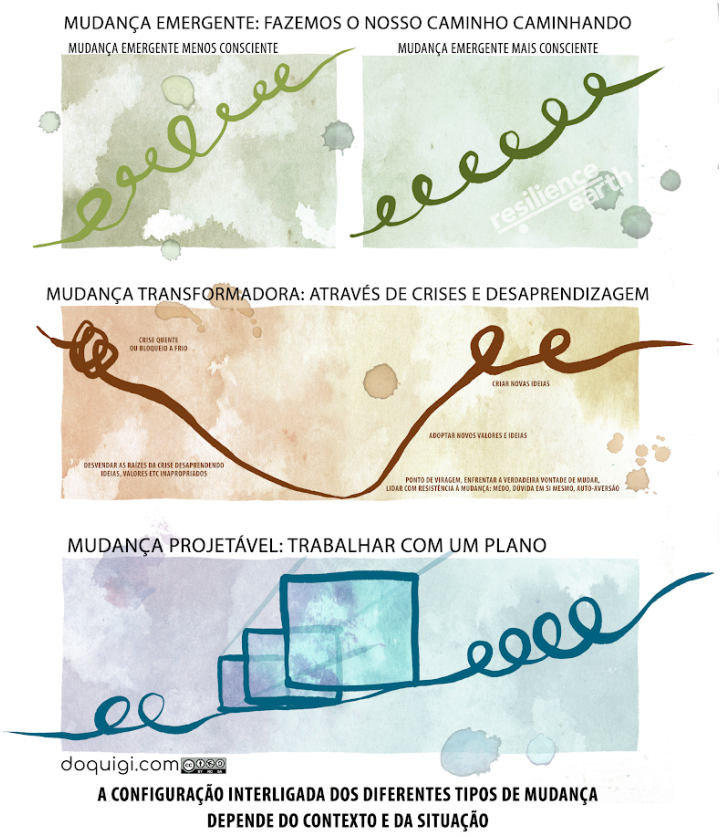


Imagem 7: Três Faces da Mudança (Reeler, 2010), adaptado por Resilience Earth

Para realizar os nossos sonhos, é importante adaptar os nossos modelos mentais a uma abordagem de pensamento mais sistémico. O projecto Catalisadores Comunitários propõe a utilização de um modelo chamado "Três Horizontes", que tem sido utilizado tanto no sector privado como em organizações sociais há mais de uma década e com resultados fascinantes. Antes de explicarmos o modelo "Três Horizontes", exploramos primeiro dois tipos gerais de mudança em que o modelo se baseia, a fim de facilitar uma mudança transformadora face a um futuro incerto.

Os dois tipos gerais de mudança são conhecidos como mudanças simples e profundas (Albino Amato, 2010). A mudança simples ajusta o status quo. Este tipo de mudança pode ser projectável ou emergente (Reeler, 2010, ver Imagem 7). A mudança projectável é aquela que é planeada de uma forma muito consciente com objectivos e prazos específicos, tais como os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável e a Agenda 2030. A mudança emergente refere-se à constante adaptação da sociedade ao seu contexto evolutivo durante um longo período de tempo. Tal mudança inclui a evolução dos movimentos de direitos das mulheres, ou movimentos de direitos civis.

O outro tipo de mudança geral é conhecido como mudança profunda, que provoca uma mudança de paradigma. É geralmente em resposta a "uma crise quente ou um bloqueio a frio" (Reeler, 2010), referindo-se a grandes crises que a sociedade simplesmente já não pode ignorar. O Movimento Justiça Climática é um exemplo de uma mudança transformadora provocada por uma crise quente, neste caso: desastre ambiental. A Primavera Árabe é outro exemplo de mudança transformadora, mas que foi impulsionada por um bloqueio a frio que já não podia ser contido.

3.2 Um céu, muito horizontes

Os três diferentes tipos de mudança estão inter-relacionados, dependendo do contexto e da situação. O modelo dos Três Horizontes (Bill Sharpe) ajuda a trazer clareza a esta interconectividade através da complementaridade. Cada horizonte traz uma perspectiva útil diferente e a teoria da mudança pode surgir da sua combinação.

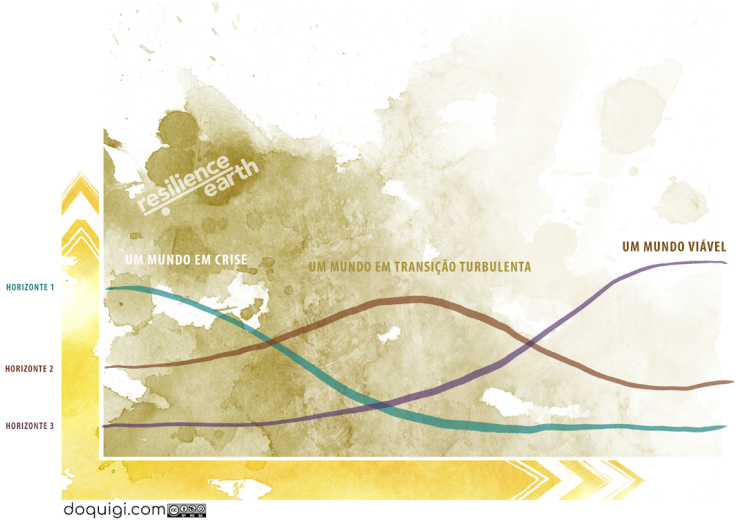


Imagem 8: Modelo dos Três Horizontes por Bill Sharpe, adaptado por Resilience Earth

O modelo dos Três Horizontes (Bill Sharpe) ajuda a trazer clareza a esta interconectividade através da complementaridade.

Horizonte 1: é o padrão dominante, totalmente integrado com o meio envolvente. Os sistemas H1 são iterativos e caracterizados por um "retorno crescente". Se o contexto mudar, a mentalidade H1 tende a resistir devido à sua dependência dos recursos e da estrutura, tornando-se em alguns casos violência estrutural e gerando opressão sobre os novos sistemas emergentes.
Horizonte 2: É inerentemente ambíguo. É a zona de inovação. H2 é uma zona na qual a sociedade permite experimentar coisas novas, mas na qual apenas alguns se irão estabelecer.

Horizonte 3: A paisagem de novas formas é definida por uma mudança duradoura nos pressupostos do paradigma actual. Explorar H3 é uma habilidade de trabalhar criativamente com o desconhecido, o parcialmente conhecido e o incerto. É uma habilidade que todos nós temos mas que ainda não se desenvolveu totalmente a nível pessoal ou colectivo.

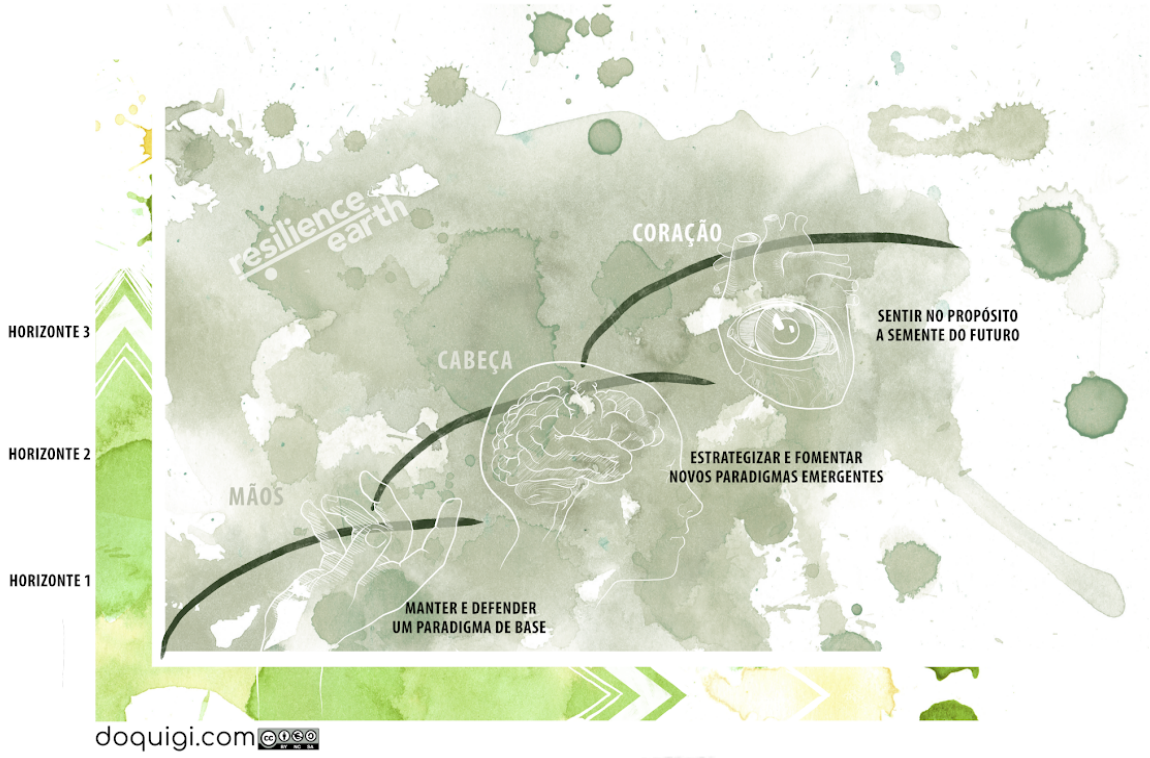
Horizonte 1: O padrão dominante de hoje é definido como a mentalidade que projecta para o futuro utilizando a experiência acumulada e os recursos que estão a trabalhar para superar os desafios actuais. Os sistemas H1 estão totalmente integrados com o meio envolvente. Representam processos iterativos que utilizam a mesma mentalidade para desenvolver as nossas comunidades, e que são capazes de estabelecer infra-estruturas muito sólidas que podem aumentar os seus retornos à medida que crescem, tornando-se super eficientes dentro do paradigma actual. Este processo é conhecido como "aumentar os retornos". Mas quando o contexto muda, a mentalidade H1 tende a resistir devido à sua dependência dos recursos e da estrutura, tornando-se em alguns casos violência estrutural e gerando opressão dos novos sistemas emergentes. Quando este conservadorismo incorporado está bem organizado, é bastante útil, pois não permite o desenvolvimento de potenciais visões nocivas e afecta a comunidade.

Horizon 2: É inerentemente ambíguo, olhando tanto para H1 como para H3 em busca de informação e inspiração. É a zona de inovação. H2 é onde surgem novas formas de fazer as coisas para responder às limitações das ações de H1 e potenciar a oportunidade das visões de H3. A inovação é um processo que toma uma ideia e reúne os recursos necessários para a estabelecer no mundo. H2 é uma zona na qual a sociedade permite experimentar coisas novas, mas na qual apenas alguns poucos se estabelecerão. Os dois tipos de mudança simples, observados como padrões emergentes e projetáveis, são

aproveitados neste horizonte. Estas mudanças são capazes de ajustar a estrutura atual, e são frequentemente encontradas com ligeira resistência e opressão.

Horizonte 3: A paisagem de novas formas é definida por uma mudança duradoura nos pressupostos do paradigma atual. Isto significa que nos envolvemos num processo criativo onde diferentes possibilidades têm de ser exploradas, quer concordemos ou não com elas. Explorar H3 é uma habilidade de trabalhar criativamente com o desconhecido, o parcialmente conhecido e o incerto. Esta mentalidade é altamente necessária no nosso contexto atual. É uma competência que todos nós temos mas que ainda não foi totalmente desenvolvida a nível pessoal ou colectivo. Fazê-lo aumentaria tanto a nossa capacidade de transformação pessoal como coletiva. Este tipo profundo de mudança é expresso como um padrão de mudança transformadora, e, em muitos casos, é enfrentado com todo o potencial opressivo da violência estrutural porque H3 desafia frequentemente as convicções mais fortes dos paradigmas da globalização e da colonização.

Imagem 9: Três Horizontes por Bill Sharpe e Mãos, Cabeça e Coração por Orr,



combinado e adaptado por Resilience Earth

Para este conjunto de ferramentas, fundimos o modelo Três Horizontes com o modelo Hands, Head and Heart, que foi desenvolvido por David Orr (1992) e expandido por Sipos, Battisti e Grimm (2008). Este modelo é inspirado por abordagens de aprendizagem indígena, bem como por ecoliteracia. A sua intenção é promover processos de aprendizagem transformadores durante a mudança de paradigma.

O modelo Mãos, Cabeça e Coração (ver Imagem 9) pretende reunir uma abordagem mais holística da experiência de aprendizagem a um nível individual. Mas quando projectado a um nível comunitário, observamos como Mãos e Cabeça são as mentalidades

predominantes expressas como H1 e H2 no modelo dos Três Horizontes. Onde H1 é uma mentalidade baseada na ação e execução (Mãos) e H2 é baseada na reflexão e inovação (Cabeça). O terceiro horizonte, por outro lado, baseia-se em como nos podemos desligar do paradigma e dos pressupostos actuais, e aprender a trabalhar de forma criativa numa organização de inteligência colectiva. Isto envolve empatia e intuição (Coração).

A mudança de paradigma está a evoluir numa *syntagma* holística que precisa de ser aberta e adaptável às mudanças, enquanto desconstrói as velhas estruturas para evitar o colapso. Se formos capazes de desenvolver este processo de uma perspectiva regenerativa, então a crise sistémica que estamos a enfrentar poderá tornar-se uma enorme oportunidade para a humanidade, incorporando um novo papel planetário baseado na gestão, consciente e com capacidade para afectar os processos de homeostase de Gaia de forma positiva (Lovelock, 2017).

Para este conjunto de ferramentas, fundimos o modelo Três Horizontes com o modelo Mãos, Cabeça e Coração, que foi desenvolvido por David Orr (1992) e expandido por Sipos, Battisti e Grimm (2008). Este modelo é inspirado por abordagens de aprendizagem indígena e ecoliteracia. O modelo Mãos, Cabeça e Coração (ver Imagem 9) pretende reunir uma abordagem mais holística da experiência de aprendizagem a um nível individual.

A mudança de paradigma está a evoluir numa syntagma holística que precisa de ser aberta e adaptável às mudanças, enquanto desconstrói as velhas estruturas para evitar o colapso. Se formos capazes de desenvolver este processo de uma perspectiva regenerativa, então a crise sistémica que estamos a enfrentar poderá tornar-se uma enorme oportunidade para a humanidade, incorporando um novo papel planetário baseado na gestão, consciente e capaz de afectar os processos de homeostase de Gaia de uma forma positiva (Lovelock, 2017).

4 Os Padrões Evolutivos

4.1 Quanto maior a tempestade, mais brilhante o arco-íris

Ainda estamos no ponto em que podemos escolher um futuro regenerativo em vez de um colapso. No entanto, o *syntagma* (o novo paradigma emergente) ainda não está totalmente desenvolvido e o caminho a seguir ainda não é suficientemente claro.

Abraham Maslow desenvolveu um modelo de psicologia humanista (1943) que é hoje internacionalmente conhecido como "a hierarquia de necessidades de Maslow". Propôs

que o ser humano se desenvolva em relação ao contexto e, portanto, quanto mais complexa e resiliente for a comunidade onde a pessoa está inserida, mais complexa e resiliente essa pessoa vai ser. Um processo também conhecido como "autopoiesis" onde o desenvolvimento da vida é um ciclo contínuo de interação entre o ser e o ambiente (Humberto Maturana e Francisco Varela).

A teoria da 'hierarquia das necessidades' de Maslow propõe que - porque o ser humano se desenvolve em relação ao contexto - quanto mais complexa e resiliente for a comunidade onde a pessoa está inserida, mais complexa e resiliente será essa pessoa. Este processo, também conhecido como 'autopoiesis' foi então levado ao nível da comunidade, dando origem à teoria da Dinâmica em Espiral. A teoria sublinha que a evolução da vida, e portanto da humanidade, se move ao longo de um caminho de crescente complexidade. As nossas estruturas sociais também evoluem desta forma, tal como outros superorganismos como abelhas, formigas, térmitas e micélio, entre outros.

Esta reflexão levou Maslow a identificar as diferentes fases de desenvolvimento com base nas necessidades dos seres humanos: Fisiológicos, Segurança, Pertença, Auto-Estima, Auto-Realização e Auto-Transcendência. Cada uma destas fases, quando é coberta, abre a porta para que a próxima seja desenvolvida de forma evolutiva.
O trabalho de Maslow, entre outros como a teoria social de Max Weber, inspirou Clare Graves em 1974 e publicou a sua teoria sobre sistemas de valores aplicados à evolução sociocultural, que mais tarde foi complementada por Don Beck e Christopher Cowan em 1996. Este trabalho propôs que o modelo de evolução humana que Maslow desenvolveu tinha uma implicação directa ao nível da comunidade, e que quando certas necessidades são cobertas ao nível da comunidade, pode haver um salto para a fase evolutiva seguinte. Propuseram que este movimento parecesse uma espiral, e chamaram a esta teoria da Dinâmica em Espiral. Este modelo teórico relaciona-se com as cores do arco-íris, para acentuar a visibilidade do processo evolutivo. Como tal, Beck e Cowan identificaram seis fases específicas: Mágico-Animista (magenta), Egocêntrico (vermelho), Absolutista (âmbar), Multiplístico (laranja), Relativista (verde) e Sistémico (teal).

Este trabalho foi ainda mais desenvolvido por Ken Wilber, que o utilizou para complementar a sua "Teoria Integral", na qual expôs que estes níveis também se relacionam com certos níveis de consciência e a capacidade de compreender mais complexidade. Em 2016, Frederic Laloux lançou um livro best-seller sobre gestão chamado "Reinventando Organizações", que revolucionou as organizações a nível empresarial. A sua pesquisa baseia-se no trabalho de Wilber e na Dinâmica em Espiral (ver Quadro 2 para uma comparação dos diferentes modelos).

Indigo	Auto-Transcendência		Coral
Turquesa			Global view
Teal	Auto-Realização	Sistémico	FlexFlow
Verde		Relativista	HumanBond
Laranja	Auto-Estima	Multiplistico	StriveDrive
Âmbar	Belongingness	Absolutista	TruthForce
Vermelho	Segurança	Egocêntrico	PowerGods
Magenta		Mágico-Animista	KinSpirits
Infravermelho	Fisiológico		Survival
Wilber [Atitudes]	Maslow [Necessidades]	Graves/Dinâmica em Espiral [Valores]	

Table 2: Tabela de comparação de Wilber, Maslow e Graves , adaptado por Resilience Earth

Esta perspectiva evolutiva contínua dos sistemas socioculturais é um modelo chave que nos ajuda a compreender a mudança de paradigma que estamos a enfrentar. Ajuda-nos a ver o quadro global; de onde vimos e para onde nos dirigimos. A evolução da vida, e portanto da humanidade, move-se por um caminho de crescente complexidade (Edgar Morin, 1994). As nossas estruturas sociais também evoluem desta forma, tal como outros superorganismos como abelhas, formigas, térmitas e micélio entre outros (Tamsin Wolley-Barker, 2017).

4.2 O lugar é a fonte da regeneração

O trabalho de Bill Reed sobre Desenvolvimento Regenerativo (2005) ajuda a trazer a Spiral Dynamics para o nível municipal rural. Reed pegou neste conceito e aplicou-o ao Desenvolvimento Sustentável e compreendeu que a Sustentabilidade não era a última fronteira da humanidade, mas sim apenas um passo na direção certa. Ele identificou seis fases diferentes de desenvolvimento:

1. Convencional: Um sistema em que a extração e a exploração são os principais motores e, por conseguinte, o sistema tende ao colapso.

2. Verde: Um sistema em que há ligeiras melhorias, como o *greenwashing*, mas a tendência continua a ser para o colapso, apenas a um ritmo mais lento.

3. Sustentável: Um sistema em que mantemos o planeta a um certo nível de desenvolvimento, reduzindo o impacto humano. Mas não há melhorias no sistema.

4. Restaurativa: Um sistema em que o modelo de desenvolvimento imita uma fase anterior do ecossistema onde as pessoas e a natureza se encontravam mais em equilíbrio.

5. Reconciliadora: Um sistema em que os seres humanos se tornam parte da natureza e começam a evoluir juntos para horizontes mais complexos.

6. Regenerativa: Um sistema em que a consciência social humana se reconhece a si própria como natureza e age em conformidade.

Uma das partes mais importantes do enquadramento regenerativo é que este está enraizado no lugar e cresce a partir daí, desenvolvendo um sistema que é como a natureza. Atualmente, a globalização impôs a sua visão do mundo ao desenvolvimento humano a nível global, excepto para culturas indígenas em diferentes níveis. É essencial que nos reconciliemos com a natureza a nível local (Joanna Macy) a fim de evoluirmos juntos como um só, recuperando a nossa singularidade dentro de uma rede cooperativa autónoma.

O trabalho de Bill Reed sobre Desenvolvimento Regenerativo aplicou a Dinâmica em Espiral ao Desenvolvimento Sustentável, e assim identificou seis fases diferentes de desenvolvimento.
O Desenvolvimento Regenerativo é um sistema em que a consciência social humana se reconhece a si própria como natureza e atua no sentido de desenvolver um sistema que é tão semelhante à natureza quanto possível.

Se quisermos evoluir no âmbito de uma rede cooperativa autónoma, devemos restabelecer a ligação com a natureza a nível local. Aí podemos catalisar a mudança.

Quando falamos de catalisar a mudança, referimo-nos a uma mudança que já está em curso, mas que corre o risco de ser ultrapassada pela violência estrutural e pela perspectiva H1 que ela impõe e, portanto, em risco de atravessar os Limites

Planetários e entrar na fase de colapso. É por isso que é importante encontrar os pontos impulsionadores (Donella Meadows, 2000) que podem levar uma biorregião, uma comunidade ou uma organização a mudar mais rapidamente, desencadeando estes pontos impulsionadores que impulsionam a mudança para a frente.

Este conjunto de ferramentas visa ajudar o processo no sentido de uma perspectiva regenerativa.

Este kit de ferramentas baseia-se numa perspectiva regenerativa e é criado por praticantes. Por conseguinte, a sua intenção é trazer uma ferramenta prática e pragmática aos técnicos e ativistas locais. Este conjunto de ferramentas pode tornar-se um guia para as regiões rurais, municípios e organizações desenvolverem a sua própria *syntagma* e teorias de mudança, de modo a poderem catalisar a mudança a nível comunitário. Quando falamos de catalisar a mudança, referimo-nos a uma mudança que já está em curso, mas que corre o risco de ser ultrapassada pela violência estrutural e pela perspectiva H1 que se impõe e, portanto, em risco de atravessar os Limites Planetários e entrar na fase de colapso. É por isso que é importante encontrar os pontos impulsionadores (Donella Meadows, 2000) que podem levar uma biorregião, uma comunidade ou uma organização a mudar mais rapidamente, desencadeando estes pontos impulsionadores que impulsionam a mudança para a frente.

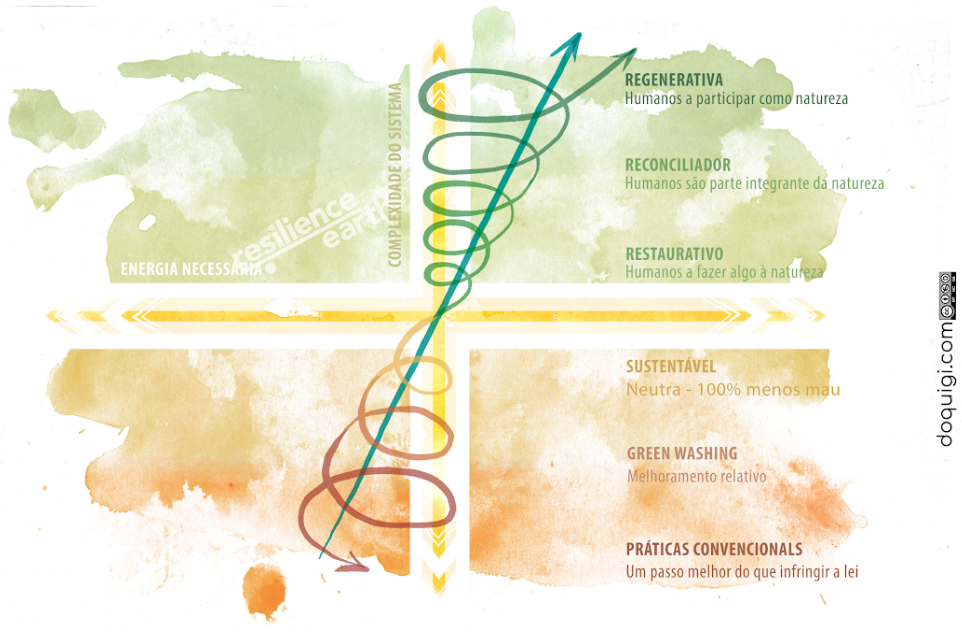


Imagem 10: A Espiral Regenerativa, Bill Reed 2005, adaptado por Resilience Earth.

5 Os Catalisadores Comunitários

5.1 Visão periférica é mais inclusiva

O nosso planeta encontra-se num ciclo degenerativo rápido, inteiramente devido ao impacto humano. Em todo o mundo, as regiões rurais oferecem um futuro esperançoso, dado o seu papel fundamental na gestão da terra e no fornecimento de alimentos para as populações circundantes. Além disso, devido à menor dimensão das comunidades rurais, proporcionam um terreno fértil para testar alternativas que podem catalisar e acelerar a mudança social e ecológica.

Os Catalisadores Comunitários centraram o fluxo de design colaborativo do seu Kit de Ferramentas no processo de Design Ecológico "WeLand - Dar Sentido ao Lugar". Os ODS têm sido considerados como um enquadramento paralelo, validado universalmente, que dá legitimidade ao intercâmbio intercultural. Decidimos fazer uma interpretação regenerativa dos ODS, uma vez que nos permite desenvolver o projeto com uma base teórica mais forte. Este quadro é conhecido como o "Bolo de Casamento" do Centro de Resiliência de Estocolmo, na Suécia.

A resiliência é uma estrutura complementar à regeneração, ambas estruturas sistémicas. A regeneração concentra-se no aumento da complexidade de um sistema enraizado num lugar, enquanto que a resiliência se concentra na sua capacidade adaptativa. Ambos os processos estão intimamente relacionados, mas tornam-se duas faces muito úteis do mesmo prisma.

Os Catalisadores Comunitários centraram o fluxo colaborativo do seu Toolkit no processo de Design Ecológico "WeLand - Dar Sentido ao Lugar", co-desenhado por Hugo Oliveira, Amy Seefelt e Ana Siqueira no Colégio Schumacher em 2016 e desenvolvido pelos membros da Orla Design no seu trabalho local de Regeneração da Paisagem. Aqui a tentativa foi de complementar para alargar a sua relevância para escalas municipais e biorregionais em zonas rurais. Acreditamos que tem potencial para se tornar um instrumento de investigação colectiva, ideal para implementar desenvolvimento regenerativo a nível local. Ao mesmo tempo, percebemos a necessidade de indicadores quantitativos transversais que permitam o diálogo intercultural entre as diferentes comunidades rurais nas quais pode ser implementado. Por esta razão, acreditamos que a utilização dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS) (ver Imagem 11) pode dar um enquadramento validado universalmente, dando legitimidade ao intercâmbio intercultural. Estamos conscientes de que os ODS são demasiado genéricos. Isto é provavelmente uma característica positiva se os entendermos como uma concha que precisa de ser preenchida com significado a nível nacional e local, pelos 193 países signatários das Nações Unidas. Desta forma, muitas interpretações diferentes das ODS podem coexistir, com uma ligação comum.

Imagem 11: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas

É por isso que decidimos fazer uma interpretação regenerativa dos ODS, uma vez que nos permite desenvolver o projeto com uma base teórica mais forte. Este quadro é conhecido como o "Bolo de Casamento" do Centro de Resiliência de Estocolmo na Suécia, que é considerado uma das principais referências mundiais no tema de resiliência (ver Imagem 12).

> A **resiliência** é uma estrutura complementar à regeneração, ambas estruturas sistémicas. A regeneração concentra-se no aumento da complexidade de um sistema enraizado num lugar, enquanto que a resiliência se concentra na sua capacidade adaptativa. Ambos os processos estão intimamente relacionados, mas tornam-se duas faces muito úteis do mesmo prisma.
>
> A **regeneração** pode acompanhar o processo de desenvolvimento, promovendo um impacto humano positivo num território, restaurando e regenerando o ambiente natural em estreita relação com o desenvolvimento humano.

A resiliência pode acompanhar a gestão da mudança, promovendo a aprendizagem a partir do contexto em mudança, para que as comunidades possam seguir um processo qualitativo de melhoria contínua, aumentando a sua complexidade e adaptação ao ambiente que as envolve.

Em suma, o Kit de Ferramentas para Catalisadores Comunitários adopta "*WeLand - Dar Sentido ao Lugar*" como processo de design regenerativo, o que nos permite implementar o desenvolvimento regenerativo a nível territorial. Esta ferramenta está enquadrada num modelo internacional com ampla legitimidade que permite um diálogo intercultural - o bolo de casamento dos ODS da ONU.

Na fase de investigação dos Catalisadores Comunitários, quatro organizações de ativistas locais da Europa periférica e duas redes globais de activistas uniram esforços para desenvolver este conjunto de ferramentas sistémicas. Este kit de ferramentas oferece metodologias práticas e modelos para movimentos *grassroots*, economias de cooperação, administrações públicas e governos locais se reconectarem com a terra, gerarem novas propostas de desenvolvimento regenerativo, e desenvolverem um *syntagma* intercultural e emancipatório que possa interconectar e capacitar as comunidades rurais. Portanto, o objectivo geral deste conjunto de ferramentas é contribuir para uma diversificação contínua e evolutiva das expressões culturais numa comunidade global inclusiva.

O projecto Catalisadores Comunitários está a realizar vários estudos de investigação a fim de analisar o contexto actual, avaliar protótipos regenerativos locais e identificar os próximos passos nas zonas rurais da Europa, utilizando os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU como enquadramento principal. Esta é a primeira fase levada a cabo pela parceria transnacional das seis organizações acima mencionadas, trabalhando em conjunto no âmbito do projecto ERASMUS+ "Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo". A equipa do projecto pretende que este seja o primeiro de quatro projetos, um para cada uma das quatro camadas dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, como refere o modelo do "Bolo de Casamento" (Rockström e Sukhdev, 2016) - a camada da biosfera, a camada da sociedade, a camada da economia e a camada das interligações - começando por propôr dar resposta à camada da biosfera com o desenvolvimento regenerativo.

Imagem 12: Ciclo de vida do projecto Catalisadores Comunitários com foco no Projecto #1 (Resilience.Earth, 2019)

A primeira investigação foi realizada de Abril a Julho de 2019 e aplicou metodologias de Investigação-Acção Participativa (PAR) para recolher dados e analisar os resultados. Foram realizadas um total de 46 entrevistas profundas e duas reuniões comunitárias participativas em quatro regiões rurais distintas na Europa periférica. As quatro regiões foram selecionadas utilizando critérios que valorizam tanto as suas qualidades distintas como as suas qualidades e desafios comuns. Como tal, as quatro regiões rurais da Europa periférica foram:

1. Europa Costeira Atlântica (Algarve, Portugal)
2. Europa Alpina Mediterrânica (La Garrotxa, Catalunha)
3. Europa Insular Mediterrânica (Madonie, Sicília)
4. Grande Planície Europeia (Norte-Baranya, Hungria)

O âmbito deste primeiro IAP foi limitado aos quatro Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da biosfera (ODS) das Nações Unidas:

1. Água Limpa e Saneamento [SDG#6]
2. Ação Climática [SDG#13]
3. Proteger a Vida Marinha [SDG#14]
4. Proteger a Vida Terrestre [SDG#15]

O projecto ERASMUS+ "Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo" pretende ser o primeiro de quatro projetos, um para cada uma das quatro camadas dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU do "Bolo de Casamento" (Rockström e Sukhdev, 2016) - a camada da biosfera, a camada da sociedade, a camada da economia e a camada das interligações - começando pelo desenvolvimento regenerativo como resposta proposta para a camada da biosfera. A primeira investigação foi realizada de Abril a Julho de 2019 e aplicou metodologias de Investigação-Acção Participação (IAP) para recolher dados e analisar os resultados.
O âmbito deste primeiro IAP foi limitado aos quatro Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da Biosfera (ODS) das Nações Unidas e envolveu quatro regiões periféricas da Europa.
Compreendemos que não existe um conjunto de ferramentas que possa ser padronizado para cada comunidade, e que a mudança é um dos principais motores da vida. Neste espírito, consideramos este conjunto de ferramentas como estando numa versão Beta permanente, em constante evolução.

Compreendemos que os acordos globais, tais como os ODS da ONU e a Declaração Universal dos Direitos do Homem, são intrinsecamente colonizadores porque impõem uma visão do mundo dominante às comunidades minoritárias, que constituem a maioria da população global. Como mencionado anteriormente, não há outro caminho senão o

caminho em frente, o que deixa a opção de encontrar um paradigma global alternativo que deixe a abordagem imperialista desactualizada. Um conjunto básico de regras baseadas no diálogo, abertura à mudança e evolução constante são fundamentais para fomentar o diálogo intercultural. Para que isto aconteça, é importante que os ODS não se mantenham ao nível institucional das Nações Unidas, mas que sejam aproveitadas pelo povo, para que este possa transformá-las num conjunto de indicadores úteis que apoiem a emergência de novos modelos de desenvolvimento a nível glocal.

Os resultados do IAP da Biosfera ajudaram-nos a construir este conjunto de ferramentas e a adaptá-lo o mais possível às necessidades reais da população rural da Europa periférica. Ao mesmo tempo, compreendemos que não existe um conjunto de ferramentas que possa ser padronizado para cada comunidade, e que a mudança é um dos principais motores da vida. Neste espírito, consideramos este conjunto de ferramentas como estando numa versão Beta permanente, em constante evolução.

6 Os Indicadores Globais

6.1 A peça que faltava para o diálogo intercultural

Os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável são indicadores de desenvolvimento acordados internacionalmente e, como tal, permitem que diversas comunidades gerem um diálogo global sobre o desenvolvimento. É culturalmente impossível para nós compreendermo-nos mutuamente se estivermos a utilizar conceitos diferentes baseados em diferentes visões do mundo. Os ODS fornecem um conjunto de conceitos universais que muitas culturas também podem relacionar-se e podem, portanto, trocar informações, coordenar acções, comparar resultados ou mesmo estabelecer novos objectivos globais para enfrentar ameaças globais.

É culturalmente impossível para nós compreendermo-nos mutuamente se estivermos a utilizar conceitos diferentes baseados em visões de mundo diferentes. Os ODS fornecem um conjunto de conceitos universais com os quais muitas culturas se podem relacionar. Como tal, Gaia Education desenvolveu a ferramenta educativa dos "Cartões ODS", em colaboração com o Secretariado GAP da UNESCO. Estes cartões permitem uma conversa de grupo centrada em problemas específicos. Os cartões ODS são uma parte complementar importante deste conjunto de ferramentas, contribuindo para o diálogo intercultural entre municípios de diferentes origens.

Acreditamos profundamente que os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) não devem ser separados das comunidades globais que os constituem. Como tal, Gaia Education desenvolveu a ferramenta educativa dos "Cartões ODS", em colaboração com o Secretariado do GAP da UNESCO. Estes cartões contêm mais de 200 questões sobre a abordagem sistémica global para alcançar a Agenda 2030, trazendo ao mesmo tempo uma abordagem regenerativa aos ODS.

Estes cartões permitem uma conversa em grupo centrada em problemas específicos. Convidam os participantes a colaborar a fim de identificar coletivamente ações e soluções para implementar os ODS de forma relevante para as suas vidas e comunidades. Esta é uma forma eficaz de estabelecer a propriedade da comunidade local para os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Image 13: Cartões e Manual de Multiplicadores dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Gaia Education, 2017)

Os Cartões ODS são uma parte complementar importante deste kit de ferramentas, contribuindo para o diálogo intercultural entre municípios de diferentes origens, e promovendo a produção de novos padrões e modelos de desenvolvimento. Estes cartões são apoiados pelo Manual de Multiplicadores dos ODS, que oferece uma descrição detalhada sobre para quem é a formação, como pode ser adaptada a diferentes contextos, que materiais de formação são necessários, como criar o espaço da oficina, e quais são os resultados desejados para a formação.

O manual contém dois guias de workshops detalhados para uma Formação de Multiplicadores ODS de dia inteiro e meio dia. Cada manual tem uma lista passo a passo dos exercícios a facilitar, em que sequência e como o fazer. Todos estes materiais podem ser encontrados em www.gaiaeducation.org.

Acreditamos que tem o potencial de se tornar uma ferramenta de investigação colectiva, ideal para a implementação do desenvolvimento regenerativo a nível local. Ao mesmo tempo, percebemos a necessidade de indicadores quantitativos transversais que permitam o diálogo intercultural entre as diferentes comunidades rurais em que pode ser implementado. Por esta razão, acreditamos que a utilização dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS) (ver Imagem 11) pode dar um quadro válido universalmente que dá legitimidade ao intercâmbio intercultural.

7 WeLand - Dar Sentido ao Lugar

7.1 Moldando Espaços em Lugares

"*WeLand – Dar Sentido ao Lugar*" é uma jornada de linguagem de padrões. Apresenta um processo de design regenerativo que permite às comunidades conceber colaborativamente os seus meios de subsistência através de uma abordagem baseada na natureza, utilizando o fluxo natural da vida, do qual os meios de subsistência modernos tendem a estar totalmente desconectados. Relembra às pessoas como os lugares são moldados pela sua presença e acções e como o aprofundamento das relações com a paisagem ecológica e entre os membros da comunidade, sejam cidadãos, instituições públicas e privadas ou decisores políticos, afecta a direcção do desenvolvimento global de uma comunidade.

"WeLand - Dar Sentido ao Lugar" é uma jornada de linguagem de padrões. Apresenta um processo de design regenerativo que permite às comunidades conceber em colaboração os seus meios de subsistência através de uma abordagem baseada na natureza. As relações entre comunidades de seres humanos e outros seres não humanos, no espaço e no tempo, moldam as nossas referências sensoriais e cognitivas, e o lugar ganha vida nesta contínua negociação e co-criação de significado.

Após investigação e pesquisa, compreende-se que, em vez de "fazer lugares", que se pode fixar num objectivo final de "um lugar feito", dar sentido ao lugar consiste em tecer fios frágeis e partilhados que emergem através de uma negociação dinâmica.

Dar sentido ao lugar requer avançar para a totalidade e confiança; por outras palavras, para a integridade. Reconhecer a necessidade humana fundamental de integridade para dar sentido ao lugar é o

que nos leva à possibilidade de conceber um processo que possa ser útil a qualquer comunidade que navegue na mudança e trabalhe para dar sentido ao lugar.

WeLand proporciona um processo de colaboração que se centra no fluxo da natureza para co-criar estratégias e projectos bem sucedidos, reforçando uma comunicação e acção eficazes entre diferentes actores que podem moldar espaços em lugares, trabalhando em conjunto no impulsionamento de mudanças sociais significativas.

Dar Sentido ao Lugar desperta a reflexão sobre os elementos responsáveis por tal experiência: lugar, incorporação e co-design são para nós os alicerces de tal iniciativa. O 'lugar' é para nós a propriedade emergente que surge do incorporar da experiência sensorial e cognitiva de habitar a paisagem. As relações entre comunidades de seres humanos e seres não humanos, no espaço e no tempo, moldam as nossas referências sensoriais e cognitivas, e o lugar ganha vida nesta contínua negociação e co-criação de sentido.

Os padrões visuais extraídos de sistemas naturais possuem o poder de trazer clareza e beleza ao processo de dar sentido. O fluxo do processo de design é modelado no padrão universal de um vórtice toroidal - que a natureza utiliza para organizar um fluxo turbulento - *WeLand* oferece um quadro coerente para que as comunidades dêem sentido ao lugar numa constante evolução, aplicando e modificando um conjunto flexível de práticas de acordo com este fluxo natural. O próprio processo foi concebido para gerar conexão entre atores humanos e entre humanos e não humanos e, através dessa ligação, gerar uma identidade partilhada que pode trazer um novo impulso e integridade no seu sentido mais pleno.

WeLand ganha forma num tabuleiro de design comunitário - WeBoard (ver imagem 14) - onde o processo de design se torna visual e interactivo, podemos facilmente compreender que fases estão presentes e que práticas desejamos incluir em cada fase de design. O conjunto de cartas WeGuide explica o *ethos* do *WeLand*, bem como instruções simples sobre como fluir ao longo do processo. As cartas WeMeta suportam a entrada (sementeira) e a saída (colheita) de cada uma das fases do *WeLand*. E as cartas WePractice servem como uma biblioteca da linguagem de padrões, compostas por práticas ágeis e fáceis de selecionar que são colectivamente escolhidas pelos participantes e que guiam o processo de desenvolvimento da comunidade de forma a tornar-se inclusivo, iterativo e regenerativo.

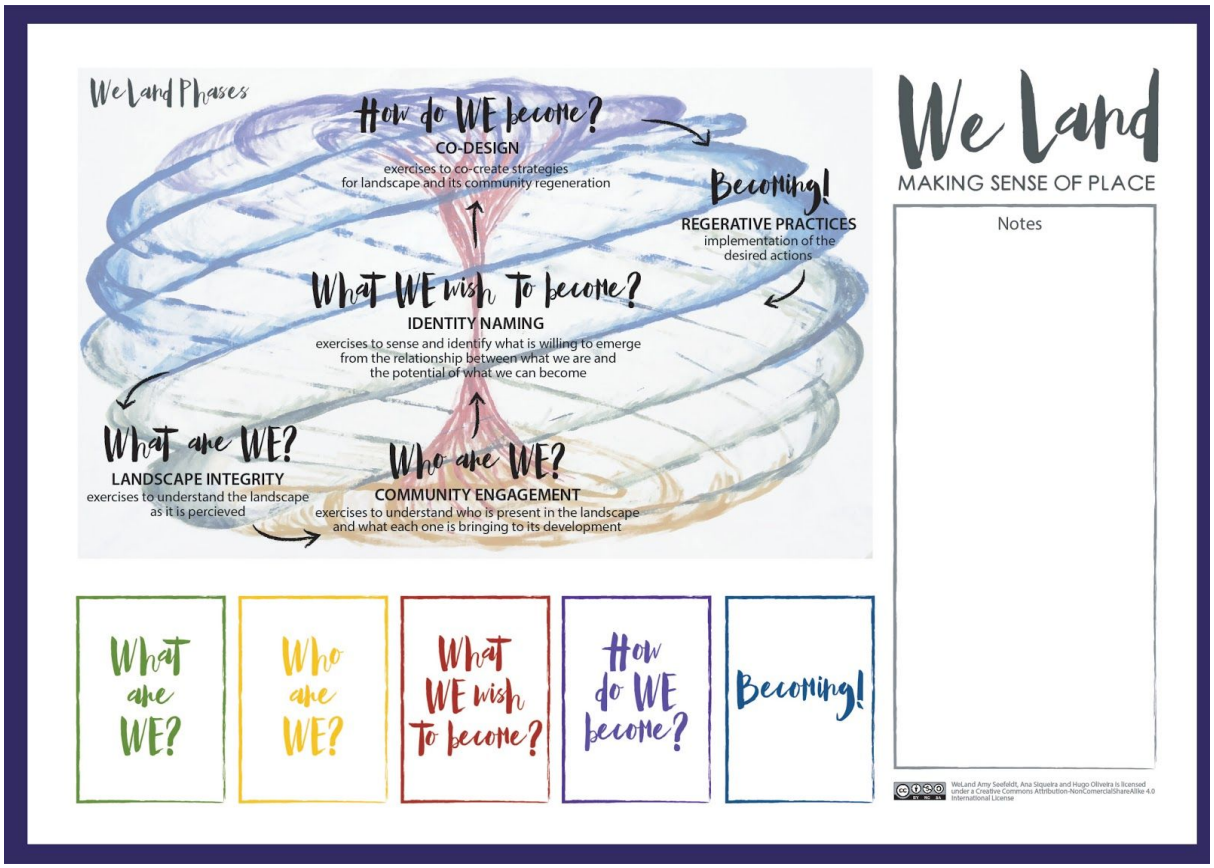


Imagem 14: WeBoard - canvas utilizado no processo de Pensamento de Design Ecológico " WeLand - Dar Sentido ao Lugar" para visualizar e organizar a fluidez do design. (Oliveira et al, 2016)

Na sequência de investigações e pesquisas, compreende-se que, em vez de 'fazer o lugar', que se pode fixar num objectivo final de 'lugar feito', dar sentido do lugar consiste em tecer fios frágeis e partilhados que emergem através de negociações dinâmicas. Baseia-se em influências teóricas de abordagens fenomenológicas ao lugar como as de David Seamon, Tim Ingold e Yi-Fu Tuan, e na exploração do trabalho de urbanistas dos anos 60

como Kevin Lynch e Jan Gehl para a compreensão conceptual e para metodologias de investigação. A partir daí, move-se para a esfera do *dar sentido* através da biomimética de padrões naturais, examinando o trabalho de Peter Stevens, Viktor Schauberger, Janine Benyus, e outros. Um quarto conjunto de influências teóricas surge da área do co-design e das mudanças ao nível *grassroots* através de Christopher Day, Augusto Boal, Gustavo Estevan e outros. Finalmente, a Teoria *ator-rede* de Bruno Latour apoia a compreensão do papel da controvérsia e da fluidez do 'lugar'.

Moldamos os locais que habitamos. Incorporadas na paisagem, as comunidades transformam o espaço em 'lugar'. O que começa como um espaço indistinguível torna-se 'lugar' quando as relações são estabelecidas e o valor é atribuído. Quando envolvemos autenticamente todos os actores para dar sentido ao lugar, moldamos lugares de integridade que oferecem condições de pertença, vida e prosperidade a todos os elementos de uma comunidade. Estes lugares não podem ser feitos, apenas sentidos, moldados e negociados.

As Intenções Chave de Design para WeLand, como um processo iterativo e de código aberto para apoiar as comunidades a darem sentido ao lugar, são caracterizadas por

1. Um padrão não linear, cíclico, extraído da natureza.

2. Linhas claras de fluxo, crescimento e descanso.

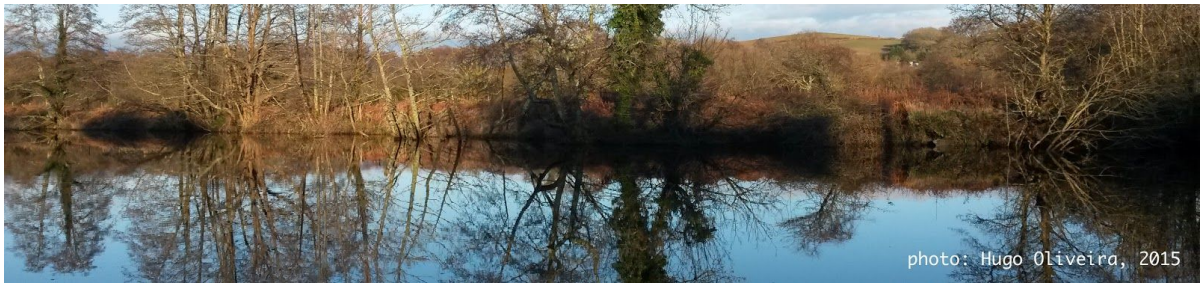
3. Flexibilidade, de modo a que as comunidades possam adaptar as práticas às suas necessidades.

4. Simplicidade e facilidade de utilização.

5. Oportunidades inovadoras para as pessoas explorarem e se conectarem com a paisagem natural que habitam.

6. Capacidade de ser aplicada em múltiplas escalas, aninhadas simultaneamente.

7. Beleza que inspira maravilha.



Quando nos desligamos uns dos outros e da natureza, moldamos lugares fragmentados que não nos oferecem nem a pertença que desejamos nem o sustento regenerativo que emerge da pertença - a transformação do lugar que a terra tão desesperadamente necessita. Dar sentido do lugar requer avançar em direção à totalidade e à confiança; por outras palavras, integridade. Reconhecer a necessidade humana fundamental de integridade de forma a dar sentido ao lugar é o que nos levou à concepção de um processo que possa ser útil a qualquer comunidade que navegue a mudança e trabalhe para dar sentido ao lugar.

Trazendo de forma ativa e participativa o *co-sentir* à abstracção dos discursos analíticos através de práticas fenomenológicas, reproduzimos possíveis conjuntos de actividades que podem alimentar o sentido de 'lugar', envolvendo-se no processo o maior número possível de actores através do co-design participativo e da co-existência.

O "*WeLand - Dar Sentido ao Lugar*" reflete o nosso entendimento de que é através do esforço colaborativo que se consegue um sentido de 'lugar', através da iteração e atribuição de significado ao nosso meio envolvente. O crescimento do sentido de pertença precisa de ser alimentado de forma a apagar as qualidades fragmentadas das crises atuais. Estas crises refletem a falta de interdependência e a desconexão do lugar e da comunidade. Desconexão do nosso lugar na Natureza, do nosso papel de cuidadores da terra e de ser cuidados pela terra. Desta percepção de separação surgem ações de destruição e para que ações regenerativas sejam cultivadas, é necessário um novo sentido

de presença, que mergulhe as nossas vidas em práticas conscientes de construção de relações.

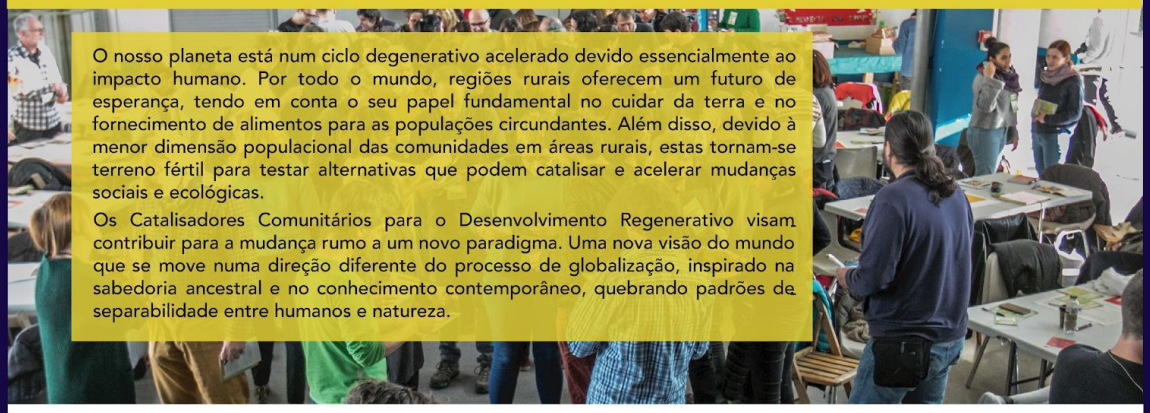
Esta adaptação do "*WeLand - Dar Sentido ao Lugar*" para os Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo funciona a nível Local, Municipal e Bioregional. Proporciona um processo de colaboração que se centra no fluxo da natureza para co-criar estratégias e projectos de sucesso, reforçando a comunicação e acção eficazes entre diferentes actores que podem moldar espaços em lugares, trabalhando em conjunto na promoção de mudanças sociais significativas.

As Instruções do Kit de Ferramentas

1. Cartas Guia: Como usar o Kit de Ferramentas

Catalisadores **Comunitários** para o Desenvolvimento Regenerativo

ToolKit



O nosso planeta está num ciclo degenerativo acelerado devido essencialmente ao impacto humano. Por todo o mundo, regiões rurais oferecem um futuro de esperança, tendo em conta o seu papel fundamental no cuidar da terra e no fornecimento de alimentos para as populações circundantes. Além disso, devido à menor dimensão populacional das comunidades em áreas rurais, estas tornam-se terreno fértil para testar alternativas que podem catalisar e acelerar mudanças sociais e ecológicas.

Os Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo visam contribuir para a mudança rumo a um novo paradigma. Uma nova visão do mundo que se move numa direção diferente do processo de globalização, inspirado na sabedoria ancestral e no conhecimento contemporâneo, quebrando padrões de separabilidade entre humanos e natureza.

PROFILANTROP ASSOCIATION · resilience earth · Palma Nana VACANZE + NATURA · ORLA REGENERAÇÃO ECO SOCIAL · PND PROJECTO NOVAS DESCOBERTAS · RED de Transición .org · gaiaeducation

Cofinanciado pelo Programa Erasmus+ da União Europeia

Este toolkit enquadra-se num modelo internacional de ampla legitimidade, permitindo o diálogo intercultural - os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas 2030 - e apresenta ferramentas práticas para avaliar e implementá-los localmente, nomeadamente as *Flash Cards* dos ODS, o *Equilibrium* - Catalisar a Comunidade Rumo à Resiliência e o *WeLand* - Dar Sentido ao Lugar.

É um processo eficaz e inclusivo para os atores de uma comunidade desenvolverem estratégias e ações para modos de vida regenerativos através de um jornada de design baseada na natureza que traz integridade, significado e sentido de pertença, ao mesmo tempo que contribui ativamente para os objetivos globais.

THE GLOBAL GOALS

O **Desenvolvimento Regenerativo** tenciona ir para além da Sustentabilidade. Enquanto que a Sustentabilidade se foca no desenvolvimento de hoje, protegendo a capacidade de desenvolvimento das gerações futuras, a prioridade do Desenvolvimento Regenerativo é aplicar processos holísticos que criem ciclos de feedback entre capital social, físico, natural e econômico que se apoiem mutuamente, auto-organizem e sejam auto-evolutivos.

ToolKit Passo-a-Passo

Passo 1. Encontre os seus Catalisadores Comunitários
Passo 2. Realize uma Pesquisa-Ação Participativa sobre os ODS
Passo 3. Ative o Processo de Design Colaborativo

Este Toolkit contém:

- 4 Cartas Guia
- 1 Conjunto de Cartas dos ODS
- 1 Canvas de Prioritização dos ODS e Metas
- 1 Conjunto de Cartas das Metas da Biosfera
- 1 WeBoard
- 5 Cartas WeMeta
- 88 Cartas WePractice
- 30 Cartas WePractice em Branco

Reunião de Territórios, Resilience Earth 2018

2

Passo 1 - Encontre os seus Catalisadores Comunitários

Identifique Pessoas-Chave

- **Enraizadas no Lugar**; com capacidade de passar de sabedoria local para conhecimento local.
- **Inter-conectores** de diferentes elementos-chave; capazes de tecer o fermento crítico que reconcilia as polaridades presentes numa comunidade.
- **Capazes de realizar mudanças**; com capacidade de liderar, gerir e sustentar complexidade e transformação.
- **Intencionalmente direccionadas para culturas regenerativas**; que incorporam ciclos virtuosos e são capazes de navegar a serendipidade - o acaso.
- **Aptos à resiliência**; resilientes o suficiente para enfrentar a incerteza e o desconhecido com facilidade.

Um **Catalisador Comunitário** é uma pessoa que acelera a mudança que já está em andamento mas em risco de ser dominada por questões sistémicas.
Geram ações entre duas ou mais pessoas ou forças dentro de uma comunidade que, desencadeando pontos cruciais, impulsionam a mudança e abrem caminhos para culturas regenerativas.

de Teoria X, Y e Z, Resilience.Earth, 2018

Como Catalisar a Mudança em Comunidade?

- Ativar e entrelaçar a resiliência da comunidade
- Ativar a mudança rumo a culturas regenerativas
- Ativar e facilitar a auto-organização e a dinâmica de fluxos de poder
- Ativar estruturas pacíficas e comportamentos não-violentos

3

Passo 2 - Realize uma Pesquisa-Ação Participativa sobre os ODS

Realizar um processo de Pesquisa-Ação Participativa no território traz uma compreensão mais ampla de como o estado dos objectivos da Biosfera e respectivas metas são percebidos pelos atores-chave da comunidade e quais as principais ações que identificam como executadas ou necessárias. Prioritizar as metas consoante o estado de equilíbrio, desequilíbrio ou emergência permite direcionar o processo de design para pontos cruciais específicos.

- Imprimir Canvas + Cartas ODS e Cartas das Metas ODS
- Efetuar Entrevistas Individuais e/ou Reuniões Comunitárias Participativas com Catalisadores
- Prioritizar estado de equilíbrio, desequilíbrio ou emergência das metas
- Analisar resultados coletivos

Entrevistas com canvas dos ODS, Profilantrop 2019

Reunião Comunitária, OrlaDesign 2019

Os ODS
de global para local

Os ODS foram desenvolvidos através de um processo participativo em todo o mundo e servem como uma ferramenta internacional para enfrentar uma crise sistémica a nível global.
O modelo dos ODS do Centro de Resiliência de Estocolmo é uma referência essencial, distribuindo os objetivos em diferentes camadas inter-relacionadas e apresentando a Biosfera como uma dimensão crucial para nos encaminhar para um desenvolvimento regenerativo.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável de acordo com o Centro de Resiliência de Estocolmo. Rockström & S,2016

4

Passo 3 - Ativar Processo de Design Colaborativo

WeLand - Dar sentido ao Lugar

Quando não estamos conscientes da nossa relação com a natureza e entre nós, moldamos lugares fragmentados que não nos oferecem a pertença que desejamos nem modos de vida regenerativos que emergem dessa pertença - a transformação do lugar que a Terra desesperadamente anseia.

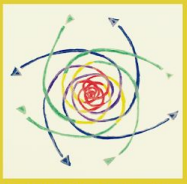
WeLand - Dar Sentido ao Lugar é um processo de design baseado no entendimento de que as comunidades crescem em integridade ao darem sentido ao lugar. Tem como objetivo cultivar e agir em consciência com padrões naturais, através de um envolvimento holístico que escuta profundamente as vozes dos atores humanos e não humanos na paisagem.

É um processo dinâmico fundamentado num padrão natural universal - o Tórus - que convida as comunidades a co-criar modos de vida regenerativos através do envolvimento em práticas flexíveis. Qualquer membro de uma comunidade pode ativar o *WeLand*.

Conjuntos Integrados

O caráter holárquico de sistemas semi-autónomos integrados permite a auto-organização e a interação a diferentes escalas. O lugar tem o mesmo caráter de conjunto e dar-lhe sentido requer ampliar e reduzir o foco a diferentes escalas.

Vórtice Toroidal



Secção-corte de Torus, OrlaDesign 2014

O vórtice toroidal é um padrão universal amplamente observado na natureza, auto-organizando-se em contínuo movimento.

Torus WeLand integrados, OrlaDesign 2015

5

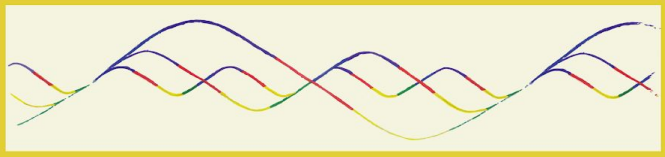
Princípios Orientadores

- Um equilíbrio de abordagens e vozes traz clareza.
- Envolvimento autêntico gera impulso.
- O ego bloqueia o fluxo. O amor fá-lo crescer.
- Todo o fim é um começo.
- Celebração marca os feitos com alegria.
- Não há ferramentas fixas, apenas sugestões flexíveis.
- A estrutura emerge do entendimento, não da imposição.

Qualidade Desejáveis do Ativadores

- Escuta Profunda
- Observação Atenta
- Facilitação Calorosa
- Não-julgamento
- Desapego da sua própria forma
- Dar atenção às relações
- Sintetizar padrões

Fases do WeLand



Conjuntos integrados no tempo, OrlaDesign 2020

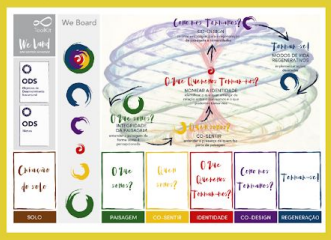
O *WeLand* é um ciclo de cinco fases que flui através de práticas que dão sentido ao lugar e se tornam modos de vida regenerativos. Move-se a partir de uma conexão holística com a paisagem num amplo diagnóstico sensorial, visando o envolvimento profundo entre a comunidade, a terra e uns com os outros. Isso cria uma confluência de entendimento que dá nome à identidade de um lugar. Emergindo dessa fase de nomeação, os atores-chave voltam a envolver a comunidade no co-design do seu futuro. Ideias cristalizam e são testadas. Novas informações são recolhidas e agrupadas à medida que a interação com a paisagem se aprofunda, refinando a identidade através de um processo iterativo contínuo. O *WeLand* pode acontecer simultaneamente a várias escalas e através de múltiplos projetos em interação.

Caminhar pela Paisagem - Formação de Catalisadores Comunitários, Hungria 2019

6

WeBoard

Visualize e esteja a par do trabalho em progresso ao longo do ciclo



Conjunto de Cartas dos ODS

Traga os ODS e Metas prioritizados

CRIAR O SOLO

Escolha ferramentas para construir terreno comum para a colaboração

7

Cartas WeMeta

Introduza, sintetize e celebre cada fase e recolha resultados coletivos.

INTEGRIDADE DA PAISAGEM

Entender a paisagem da forma como é percepcionada

CO-SENTIR

Entender a presença de quem faz parte da paisagem

NOMEAR A IDENTIDADE

Identificar o que quer emergir da relação entre o que somos e o que podemos tornar-nos

CO-DESIGN

Co-criar estratégias para a regeneração de paisagens e comunidades

MODOS DE VIDA REGENERATIVOS

Implementar ações desejadas

Cartas WePractice

Selecione práticas relevantes ao longo das fases, priorize-as e distribua exercícios, se necessário

ESCALAS

Crie percursos de acordo com a escala de ação apropriada

Local

Municipal

Bioregional

Participe da Comunidade de Prática

Siga o conselho da Cataly e tire algum tempo para desfrutar destes desafios. Tente procurar as suas próprias cores!

Use cartas em branco para criar novas cartas WePractice e experimente exercícios diferentes. Tente entender que objetivos deseja alcançar e desafie-se a ativar o caminho até lá.

Se conhecer ou criar práticas que sejam relevantes para o toolkit, junte-se à Comunidade de Prática. Jogue conosco e partilhe as suas atividades!

Vamos colher os frutos da nossa inteligência coletiva e colocá-los ao serviço da transformação regenerativa!

Encontre as linhas orientadoras e todos os materiais on-line em **catalysts.community**

Catalisadores **Comunitários** para o Desenvolvimento Regenerativo

Cataly, Stefano Dell'Aria, 2020

8

2. Conteúdo do Kit de Ferramentas: Todas as Cartas e Canvas

Lista de Cartas do Kit de Ferramentas	
Tipo de Carta / Código	Fase / Passo / Nome da Carta
CARTAS GUIA	Como usar o kit de ferramentas
GC1	CartaGuia1
GC2	CartaGuia2
GC3	CartaGuia3
GC4	CartaGuia4
GC5	CartaGuia5
GC6	CartaGuiad6
GC7	CartaGuia7
GC8	CartaGuia8
Canvas ODS e Conjuntos de Cartas	Passo 2 - IAP nos ODS
ODS C	Canvas ODS
	Conjunto de Cartas ODS
ODS 1	Erradicação da Pobreza
ODS 2	Fome Zero e e Agricultura Sustentável
ODS 3	Saúde e Bem-Estar
ODS 4	Educação de Qualidade
ODS 5	Igualdade de Género
ODS 6	Água Limpa e Saneamento
ODS 7	Energia Limpa e Acessível
ODS 8	Trabalho Decente e Crescimento Económico
ODS 9	Indústria, Inovação e Infraestructura
ODS 10	Redução de Desigualdades
ODS 11	Cidades e Comunidades Sustentáveis
ODS 12	Consumo e Produção Responsáveis
ODS 13	Acção Contra a Mudança Global do Clima
ODS 14	Proteção da Vida na Água
ODS 15	Proteção da Vida na Terra
ODS 16	Paz, Justiça e Instituições Eficazes

ODS 17	Parcerias e Meios de Implementação
	Conjunto de Cartas ODS das Metas da Biosfera
ODS T 6.1	ODS Meta 6.2
ODS T 6.2	ODS Meta 6.3
ODS T 6.3	ODS Meta 6.4
ODS T 6.4	ODS Meta 6.5
ODS T 6.5	ODS Meta 6.6
ODS T 6.6	ODS Meta 6.7
ODS T 6.A	ODS Meta 6.A
ODS T 6.B	ODS Meta 6.B
ODS T 13.1	ODS Meta 13.1
ODS T 13.2	ODS Meta 13.2
ODS T 13.3	ODS Meta 13.3
ODS T 13.A	ODS Meta 13.A
ODS T 13.B	ODS Meta 13.B
ODS T 14.1	ODS Meta 14.1
ODS T 14.2	ODS Meta 14.2
ODS T 14.3	ODS Meta 14.3
ODS T 14.4	ODS Meta 14.4
ODS T 14.5	ODS Meta 14.5
ODS T 14.6	ODS Meta 14.6
ODS T 14.7	ODS Meta 14.7
ODS T 14.A	ODS Meta 14.A
ODS T 14.B	ODS Meta 14.B
ODS T 14.C	ODS Meta 14.C
ODS T 15.1	ODS Meta 15.1
ODS T 15.2	ODS Meta 15.2
ODS T 15.3	ODS Meta 15.3
ODS T 15.4	ODS Meta 15.4
ODS T 15.5	ODS Meta 15.5
ODS T 15.6	ODS Meta 15.6
ODS T 15.7	ODS Meta 15.7
ODS T 15.8	ODS Meta 15.8
ODS T 15.9	ODS Meta 15.9

ODS T 15.A	ODS Meta 15.A
ODS T 15.B	ODS Meta 15.B
ODS T 15.C	ODS Meta 15.C
WeLand para CC	PASSO 3 - Processo de Design Colaborativo
WB	WeBoard
Cartas WeMeta	
WM1	Carta WeMeta Card para Fase Verde - Integridade da Paisagem
WM2	Carta WeMeta para Fase Amarela - Co-Sentir
WM3	Carta WeMeta para Fase Vermelha - Nomear a Identidade
WM4	Carta WeMeta para Fase Roxa - Co-Design
WM5	Carta WeMeta para Fase Azul - Modos de Vida Regenerativos
Cartas WePractice	
	Fase Castanha - Criando o Solo
WP0.0	Carta WePractice Castanha - em branco
WP0.1	Cartões ODS
WP0.2	Tribos Coloridas
WP0.3	Consentimento
WP0.4	Backlog do Processo de Design
WP0.5	Parede de Colheita
WP0.6	Incorporar o Tórus
WP0.7	Abordagem Integral
WP0.8	Sinais de Mãos
WP0.9	Banco de Sementes
WP0.10	Acordos de Grupo
WP0.11	Formação de Multiplicadores dos ODS
	Fase Verde - Integridade da Paisagem
WP1.0	Carta WePractice Verde - em branco
WP1.1	Escalas Integradas
WP1.2	Escala de Permanência
WP1.3	Caminhar pela Paisagem
WP1.4	Mapa de Unidades de Paisagem
WP1.5	Mapa de Ciclos

WP1.6	Capturar a Bio-Forma
WP1.7	Planeamento e Legislação
WP1.8	Mapa de Recursos (naturais e infraestruturas)
WP1.9	Seguir a História do Lugar
WP1.10	Linha do Tempo do Continuum da Paisagem
WP1.11	Mapeamento da Vida Selvagem (flora e fauna)
WP1.12	Apresentar-se à Terra
WP1.13	Mapa Base
WP1.14	Encontre as Extremas do Território e Sociais
WP1.15	Concelho de Todos os Seres
WP1.16	Fotografias da Paisagem
WP1.17	Pegada Ecológica
WP1.18	EDEI - Energia Devolvida Energia Investida
	Fase Amarela - Co-sentir
WP2.0	Carta WePractice Amarela - em branco
WP2.1	Mapeamento de Competências
WP2.2	Linha o Tempo do Histórico Social
WP2.3	Entrevista Individual
WP2.4	Nomear os Atores
WP2.5	Canvas da Comunidade
WP2.6	Censo Demográfico
WP2.7	Rede de Atores
WP2.8	Mapear Potenciais Catalisadores
WP2.9	Caminhar e Conversar
WP2.10	Rio da vida
WP2.11	História Oral e Familiar
WP2.12	Mapeamento de Recursos (humanos, institucionais e comuns)
	Fase Vermelha - Nomear a Identidade
WP3.0	Carta WePractice Vermelha - em branco
WP3.1	Descrição do Driver
WP3.2	Concelho
WP3.3	Workshop de Cenários
WP3.4	Sete "Porquês"

WP3.5	Eu desejo - do lugar, ao indivíduo e ao coletivo
WP3.6	Animal da Transição
WP3.7	Conto de Fadas da Mudança de Ação
WP3.8	Ponto Impulsionador
WP3.9	Aquário
WP3.10	Concurso de Desenhos para Crianças
WP3.11	Cozinhar Juntos
WP3.12	Caminho Pessoal
WP3.13	História do Lugar
WP3.14	Círculo Restaurativo
WP3.15	Região Bem Comum
WP3.16	Trocar de Chapéus
	Fase Roxa - Co-design
WP4.0	Carta WePractice Roxa - em branco
WP4.1	Porquê, O Quê, Como, Onde, Quando
WP4.2	Escala de Permanência (Co-Design)
WP4.3	Laboratório de Ideias
WP4.4	Diagrama de Afinidades
WP4.5	Formar Proposta
WP4.6	Mapeamento do Driver
WP4.7	Decisão por Consentimento
WP4.8	Efeito Borboleta da Caça ao TEsouro
WP4.9	Modelo de Gestão da Paisagem
WP4.10	Protótipo Simples
WP4.11	Descrição de Papéis
WP4.12	Café Pro-Ação
WP4.13	Não consigo ver, não consigo falar, não consigo andar
WP4.14	Modelo Cynefin
WP4.15	3 Horizontes
WP4.16	Selecção de Papéis
WP4.17	Contratação Pública Socialmente Responsável
	Fase Azul - Modos de Vida Regenerativos
WP4.0	Carta WePractice Azul - em branco
WP4.1	Posto de Compostagem

WP4.2	Limpezas de Costa/Paisagem
WP4.3	Trilha Educacional
WP4.4	Jardins/Hortas Comunitárias
WP4.5	50/50
WP4.6	Excursão de Inspiração
WP4.7	Revisão pelos Pares
WP4.8	Governança Dinâmica
WP4.9	ASC - Agricultura Suportada pela Comunidade
WP4.10	Iniciativa Partilha de Competência no Cuidar da Terra
WP4.11	Mercado de Produtores Biológicos
WP4.12	Caça Fugas
WP4.13	Corredores Verdes
WP4.14	Campos de Regeneração de Ecossistemas

Conclusão

Este kit de ferramentas foi co-desenhado e co-criado por uma comunidade de aprendizagem e prática internacional aberta que está atualmente a trabalhar nas próximas fases desta iniciativa transnacional. A nossa motivação é criar ferramentas reais para que as comunidades possam desenvolver um maior sentido do lugar, enraizar-se nas necessidades e potenciais distintos das suas localidades e, portanto, ser capazes de iniciar uma nova fase de desenvolvimento que seja mais consistente e sintonizada com os ritmos da vida. Por outras palavras, uma abordagem regenerativa ao desenvolvimento local. E convidamo-lo a saltar connosco para este desafio regenerativo, a experimentar, a assumir riscos e a transformar! A vocês próprios, às vossas comunidades e para além delas.

Estamos numa era de mudança profunda, que está a criar situações difíceis tanto para o planeta como para a sociedade, e acreditamos que é importante compreender que se continuarmos a participar num sistema em colapso, as mudanças que aí vêm serão cada vez mais desafiantes. Mas se, em vez disso, formos capazes de catalisar as nossas comunidades a habitarem lugares e a envolverem as pessoas e o planeta a partir daí, estaremos a participar no alvorecer de um novo paradigma cultural. Um que reconcilia o passado com o presente e o futuro. Um que reconcilia os desafios das crises drásticas, transformando-os em oportunidades criativas de mudança. Um paradigma que valoriza e integra tanto o conhecimento tradicional como as contribuições tecnológicas. Alguém que ousa ser regenerativamente transformador face a um status quo estagnado. Esta não é obviamente uma mudança paradigmática que acontece da noite para o dia, mas sim uma expressão de uma meta mudança civilizacional que estamos a atravessar.

Para concluir, queremos reconhecer e agradecer aos povos indígenas do planeta que mantiveram aceso o fogo do conhecimento da terra, bem como a todos os activistas, catalisadores, transformadores e pioneiros que trilharam caminhos de equidade e sustentabilidade ao longo deste último século. Isto permitiu às gerações atuais construir os alicerces do novo paradigma a nível local.

Estamos todos a viver momentos históricos, em que estamos a definir novas formas de nos tornarmos mais justos, regenerativos e empáticos como espécie. Esperamos que este conjunto de ferramentas possa tornar-se mais uma ferramenta para si como catalisador e transformador, de forma a aumentar o seu potencial de transformação e desfrutar do processo enquanto o faz!

Esteja atento no próximo ano, pois estamos a trabalhar em mais ferramentas regenerativas para partilhar com a comunidade global.

em solidariedade,

Os Catalisadores Comunitários

Referências

1. Amato, A. (2013). *Relation d'aide et Coaching Systémique.* Marseille: Amato Publisher.
2. Beck, D. and Cowan, C. (2005). *Spiral Dynamics: Mastering Values, LEadership and Change.* New Jersey: Wiley-Blackwell Publishers.
3. Castells, M. (2012). *Redes de Indignación y Esperanza*. Barcelona, Catalonia: Alianza Editorial.
4. Galtung, J. and P. Scott (2008). *Democracy – Peace – Development.* Germany: Transcend University Press.
5. Gannon, D. And A. Boguszak. (2013). *Douglas McGregor's Theory X and Theory Y.* In: Journal of Prague College, Vol 2013: 2.
6. Gannon, D. and Boguszak, A. (2013). Douglas McGregor'sTheory X and Theory Y. *In: CRIS Bulletin 2013/02.*
7. Gaventa, J. (2006). Finding the Spaces for Change: A Power Analysis. *IDS Bulletin.* Vol.37, No.6 pp 23-33.
8. Gilchrist, A. (2000). The Well-connected Community: Networking to the "edge of chaos". *Community Development Journal.* Vol.35, No.3 pp 264-275.
9. Gilchrist, A. (2009). *The well-connected community: A networking approach to community development.* Bristol: The Policy Press.
10. Graves, C. (2005). *The Never Ending Quest: A treatise on an emergent cyclica.* Santa Barbara: ECLET Publishing.
11. Harari, Y. (2015). *Sapiens: A Brief History of Humankind.* New York: Vintage Press.
12. Laloux, F. (2016).
13. Lederach, J.P. (2005). *The Moral Imagination: The Art and Soul of Building Peace.* Oxford, UK: Oxford University Press.
14. Longboat, J. (2003). *The Haudenosaunee Medicine Wheel.* Ohsweken, Mohawk Land: Six Nations Institute.
15. Lovelock, J. (2016). *Gaia: A New Look at Life on Earth.* Oxford: Oxford Landmark Science.
16. Macey, J. and Johnstone, C. (2012). *Active Hope: How to Face the Mess We're In Without Going Crazy.* Novato: New World Library.
17. Mang, P and Reed, B. (2011). Regenerative Development and Design. *In: Encyclopedia Sustainability Science & Technology, 2112.*
18. Maslow, A. (1943, reprint 2013). *A Theory of Human Motivation.* Eastford: Martino Fine Books.
19. Maturana, H. and Varela, F. (1973, reprint 2014). *Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living.* Boston: Reldel Publishing.
20. Max-Neef, M. (2008). *La dimensión perdida: la inmensidad de la medida humana.* Uruguay: Editorial Nordan.
21. Meadows, D. (2009). Leverage Points: Places to Intervene in a System. *Solutions.* Retrieved from: http://www.thesolutionsjournal.com/node/419 pp41-49.
22. Morin, E. and Montuori, A. (2008). *On Complexity: Advances in Systems Theory, Complexity and the Human Sciences.* New York: Hampton Press.
23. Negri, A. and M. Hardt. (2005). *Europa y el Imperio.* Madrid: Ediciones Akal SL
24. Negri, A. and M. Hardt. (2011). *Commonwealth.* Boston: Belknap Press.
25. Oliveira, H., Sheefeldt, A. and Siqueira, A. (2016). SCH5424 - Ecological Design Thinking Studio Module Report. Dartington Estate, Devon: Schumacher College.
26. Panikkar, R. (2003). *El diálogo indispensable: Paz entre las religiones.* Barcelona, Spain: Editorial Península.

27. Naranjo, C. (2017). *27 personajes en busca del ser. Experiencias de transformación a la luz del eneagrama*. Barcelona: Psicologia la Llave.
28. Orr, D. (2016). *Dangerous Years: Climate Change, the Long Emergency and the Way Forward.* New Haven: Yale Publishing.
29. Pannikar, R. (2004). *Invitació a la saviesa.* Barcelona: Proa Edicions Barcelona (Ed. Columna, Proa) 1998.
30. Reeler, D. (2007). *A Three-Fold Theory of Social Change and Implications for Planning, Monitoring and Evaluation.* Capetown, South Africa: Centre for Developmental Practice.
31. Reeler, D., et al (2009). *Barefoot Guide to Working with Organizations and Social Change.* Capetown, South Africa: Barefoot Collective.
32. Regenesis Group. (2016). *Regenerative Development and Design: A Framework for Evolving Sustainability.* New Jersey, USA: Wiley Publishers.
33. Rockström, J. (2015). "Planetary Boundaries - an update" *in Science: vol. January*
34. Rockström, J and P. Sukhdev. (2016). *How food connects all the SDGs.* Stockholm, Sweden: Stockholm Resilience Centre.
35. Senge, P. (2014). *The Fifith Discipline Fieldbook: Strategies and Tools for Building a Learning Organisation.* New York, USA: Crow Publishing Group.
36. Sharpe, B. (2013). *Three Horizons: The Patterning of Hope.* Devon: Triarchy Press.
37. Sipos, Y. et al. (2008). Achieving transformative sustainability learning: engaging head, hands and heart. *In: International Journal of Sustainability in Higher Education.*
38. Thoreau, D. (1854, reprint 2019). *Walden: Life in the Woods.* New York: Random House.
39. Wilber, K. (2017). *A Brief History of Everything.* Boulder: Shambhala Press.
40. Woolley-Barker, T. (2017). *Teeming: How Superorganisms Work Together to Build Infinite Wealth on a Finite Planet (and your company can too).* Ashland: White Cloud Press.

Lista de Diagramas

Imagem 1: Integridade da Biosfera dos Limites Planetários (Rockström, 2017)
Imagem 2: Relação entre Objectivos do Desenvolvimento Sustentável e Limites Planetários (Rockström, 2017)
Imagem 3: Contexto VICA eixo e grelha (Resilience.Earth, 2018)
Imagem 4: Tabela de proposta Contexto VICA (Resilience.Earth, 2018)
Imagem 5: Teoria X, Y e Z (Resilience.Earth, 2018)
Imagem 6: Oportunidades VICA (Resilience.Earth, 2018)
Imagem 7: Três Faces da Mudança (Reeler, 2010)
Imagem 8: Modelo Três Horizontes por Bill Sharpe, adaptado por Resilience Earth
Imagem 9: Três Horizontes por Bill Sharpe e Mãos, Cabeça e Coração por Orr, combinado e adaptado por Resilience Earth
Imagem 10: A Espiral Regenerativa
Imagem 11: Objectivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas
Imagem 12: Ciclo do projeto Catalisadores Comunitários com foco no projeto #1 (Resilience.Earth, 2019)
Imagem 13: Cartões dos ODS e Manual de Multiplicadores (Gaia Education, 2016)
Imagem 14: WeBoard - o canvas utilizado no processo de Pensamento de Design Ecológico para visualizar e organizar o fluxo de design (Oliveira et al, 2016)

Tabela 1: Teoria X, Teoria Y & Teoria Z do processo de desenvolvimento humano e a mudança de paradigm emergente, adaptado por Resilience Earth
Tabela 2: Tabela de comparação de Wilber, Maslow e Graves , adaptado por Resilience Earth

Glossário

Conceito	Descrição
Antropoceno	A era em que todas as grandes transformações morfológicas e geológicas do planeta são devidas ao impacto do homem.
Autopoiesis	Um entendimento de que o desenvolvimento da vida é um ciclo contínuo de interação entre o ser e o ambiente.
Colonização	A imposição de uma visão dominante do mundo às comunidades minoritárias.
Mudança Profunda	Um processo transformador que provoca uma mudança de paradigma (geralmente em resposta a uma "crise quente" ou a um bloqueio a frio).
Processo Disruptivo	Uma série de acontecimentos interligados a acontecer à escala global que afetam diretamente a nossa economia, provocam escassez de energia e de água, forçam milhões de pessoas a migrar, alteram o clima global e degeneram a maior parte dos ecossistemas da Terra.
Soberania Alimentar	O processo pelo qual as pessoas que produzem, distribuem e consomem alimentos são capazes de controlar os mecanismos e políticas de produção e distribuição de alimentos.
Globalização	O processo de interação e integração entre pessoas, empresas e governos de todo o mundo. É considerado por alguns como uma forma de expansão capitalista que implica a integração das economias locais e nacionais numa economia de mercado global e não regulamentada.
Glocal	Que reflete ou caracteriza considerações tanto locais como globais.
Governança	Os processos de interação e decisão entre os actores envolvidos num coletivo conduzem à criação, reforço, ou reprodução de normas sociais.
Modelo Mãos, Cabeça e Coração	Uma abordagem holística do desenvolvimento da ecoliteracia. Relaciona o domínio cognitivo (cabeça) à reflexão crítica, o domínio afectivo (coração) ao conhecimento relacional e o domínio psicomotor (mãos) ao envolvimento.
Hierarquia de Necessidades	Uma teoria em psicologia proposta por Abraham Maslow. É um sistema de classificação piramidal que reflete as necessidades universais da sociedade como sua base,

	procedendo em seguida a emoções mais adquiridas.
Rede Inter-independente	Uma rede de comunidades que se unem em rede enquanto alimentam as suas distintas relações locais com a terra.
Pontos de Influência	Lugares dentro de um sistema complexo (como uma empresa, uma cidade, uma economia, um ser vivo, um ecossistema, uma biorregião) onde uma "pequena mudança numa coisa pode produzir grandes mudanças em tudo".
Micélio	Os micélios são uma dinâmica rede subterrânea de fungos que permitem o ciclo de nutrientes biológicos. O micélio social imita esta inteligência colectiva à escala humana com interconexões simbióticas que suportam o todo.
Paradigma	Um conjunto profundamente enraizado de crenças da sociedade sobre a forma como o mundo funciona.
Privilégio	Uma vantagem ou direito especial, não conquistado, utilizado em benefício próprio ou em detrimento de outros; muitas vezes, os grupos que dele beneficiam desconhecem-no. Estes grupos podem ser favorecidos com base na classe social, idade, nível de educação, incapacidade, categoria étnica ou racial, género, identidade de género, orientação sexual e religião.
Reconciliação	O processo em que a crise do antigo paradigma está a alimentar a emergência de um novo paradigma. Uma rede de solidariedade global de comunidades enraizadas que se empenham lentamente num diálogo intercultural contínuo, resultando numa sociedade global complexa, resiliente e consciente, baseada na Terra.
Regeneração	O aumento da complexidade de um sistema enraizado num lugar.
Processo de Design Regenerativo	As comunidades concebem em colaboração os seus modos de vida através de uma abordagem baseada na natureza.
Resilience	A capacidade adaptativa de um sistema face ao choque externo, a sua capacidade de manter as suas funções básicas.
ODS	Os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são uma colecção de 17 objectivos globais concebidos para ser um projecto para alcançar um futuro melhor e mais sustentável para todos. Os ODS destinam-se a ser alcançados até ao ano 2030.
Mudança Simples	Ajustes ao status quo podem ser projectáveis ou emergentes. A mudança projectável é aquela que é planeada de forma muito consciente, com objectivos e

	prazos específicos. A mudança emergente refere-se à constante adaptação da sociedade ao seu contexto evolutivo durante um longo período de tempo.
Violência Estrutural	Uma forma de violência em que algumas estruturas sociais ou instituições sociais podem prejudicar as pessoas, impedindo-as de satisfazer as suas necessidades básicas. O abuso institucionalizado, o elitismo, o etnocentrismo, o nacionalismo, o especismo, o racismo e o sexismo são alguns exemplos.
Syntagma	O novo paradigma emergente.
Crise Sistémica	A ruptura de vários dos sistemas que suportam a vida humana ao mesmo tempo, por exemplo a saúde ecossistémica, a economia, os sistemas de saúde, o emprego ou conjuntos de valores.
Pensamento de Sistemas	Uma abordagem holística de análise que se concentra na forma como as partes constituintes de um sistema se inter-relacionam e como os sistemas funcionam ao longo do tempo e dentro do contexto de sistemas maiores. A abordagem do pensamento de sistemas contrasta com a análise tradicional, que estuda os sistemas decompondo-os nos seus elementos separados.
Teoria X	A visão mais comum do mundo "as pessoas são preguiçosas e não se importam". Representa sistemas hierárquicos tradicionais baseados no controlo.
Teoria Y	Representa um sistema organizacional baseado na confiança.
Teoria Z	Contempla a auto-realização e fomenta a nossa capacidade de adaptação e resiliência das comunidades.
Modelos dos Três Horizontes	Um modelo que ajuda a trazer clareza a esta interligação através da complementaridade. Horizonte 1 é o padrão dominante, totalmente integrado com o meio envolvente. Horizonte 2 é uma zona em que a sociedade permite que se experimentem coisas novas. Horizonte 3 é o trabalho criativo com o desconhecido.
Contexto VICA	Uma compreensão das atuais circunstâncias globais como voláteis, incertas, complexas e ambíguas.